



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA I – CAMPUS I  
CURSO DE URBANISMO**

**PALOMA CAMPOS DA PURIFICAÇÃO**

**ÁREAS VERDES URBANAS: IMPORTÂNCIA, FUNÇÃO, GESTÃO E A  
PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS**

**Salvador - BA  
2013**

**PALOMA CAMPOS DA PURIFICAÇÃO**

**ÁREAS VERDES URBANAS: IMPORTÂNCIA, FUNÇÃO, GESTÃO E A  
PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS**

Trabalho monográfico de conclusão de curso, apresentado a Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo.

**Orientador: Prof. MSc. Antonio Muniz Filho.**

**Salvador - BA  
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Purificação, Paloma Campos da

Áreas verdes urbanas: importância, função, gestão e a percepção dos usuários /  
Paloma Campos da Purificação . - Salvador, 2013.

111f.

Orientador: Antonio Muniz dos Santos Filho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Colegiado de Urbanismo. Campus I. 2013.

Contém referências e apêndice.

## TERMO DE APROVAÇÃO

PALOMA CAMPOS DA PURIFICAÇÃO

### **ÁREAS VERDES URBANAS: IMPORTÂNCIA, FUNÇÃO, GESTÃO E A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo, Universidade do Estado da Bahia.

Salvador, 08 de novembro de 2013.

---

Prof. MSc. Antonio Muniz Filho  
(Universidade do Estado da Bahia/ UNEB)

---

Prof. Lirandina Gomes Sobrinho  
(Universidade do Estado da Bahia/ UNEB)

---

Prof. Jorge Ney Valois Rios Filho  
(Universidade do Estado da Bahia/ UNEB)

**Salvador - BA  
2013**

## RESUMO

A proposta deste estudo consiste em apresentar uma análise acerca da importância, das principais funções e da gestão das áreas verdes urbanas e praças públicas, bem como a percepção dos usuários sobre estas áreas propondo uma análise comparativa entre as praças Divina e Dendezeiros localizadas no bairro do Bonfim – Salvador – Bahia, de modo a perceber as consequências de ação do poder público e as consequências da omissão deste nas áreas verdes urbanas. Para tanto, tomou-se como objeto de estudo as praças supracitadas, uma delas recém-construída e a outra em estado de depredação. Estas praças foram apontadas tendo em vista a sua dimensão, localização, suporte à equipamentos urbanos, proximidade à orla, maior capacidade de suporte de usuários e a forte comunicação destas com os bairros do entorno. Observa-se que o descaso do poder público com as praças, a falta de manutenção, de promoção de ações culturais e a sensação de insegurança culminam na consequente ausência de usuários, e descaso da própria população em relação às áreas públicas, bem como a atuação pontual do poder público garantindo que as praças atendam suas funções sociais, estas promovem dinâmicas positivas para o lazer, atividades físicas, prática de esportes, interação entre comunidades etc. de modo a atrair demandas para as praças, com fluxos oriundos do bairro do Bonfim e abrangendo também bairros adjacentes.

**Palavras-chave:** Áreas verdes urbanas. Bairro Bonfim. Praças. Usuários. Poder Público.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to present an analysis of the importance, the main functions and management of urban green areas and public squares, as well as the perception of the users of these areas by proposing a comparative analysis between the squares and Divine Oil Palm located in the neighborhood of Bonfim - Salvador - Bahia, in order to understand the consequences of government action and the consequences of this omission in urban green areas. Therefore, it was taken as an object of study the squares above, one of them newly built and the other in a state of depredation. These squares were in view of its size, location, support urban infrastructure, proximity to the border, greater capacity to support these users and strong communication with the surrounding neighborhoods. It is observed that the indifference of the public with the squares, lack of maintenance, promotion actions cultures and sense of insecurity culminate in the consequent absence of users and neglect the population itself in relation to public areas as well as the performance point the government ensuring that the squares meet their duties members, these promote positive dynamics for leisure, physical activities, sports, etc. interaction between communities to attract demand for the squares, with inflows from the neighborhood of Bonfim and also covering adjacent districts .

**Keywords:** Urban green areas. Bonfim neighborhood. Squares. Users. Public Power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização geográfica do bairro Bonfim - Península de Itapagipe e praças em estudo	28
Figura 02 - Localização geográfica do bairro Bonfim e praças Divina e Dendezeiros	29
Figura 03 - Igreja do Bonfim na segunda metade do século XIX	30
Figura 04 - Vista da Igreja do Bonfim e bonde na segunda metade do século XXI	31
Figura 05 – Delimitação de poligonal da fábrica Barreto de Araújo em Salvador e da Praça Divina	54
Figura 06 – Em contraste com o verde das árvores e o azul do mar, a fábrica Barreto de Araújo em Salvador	55
Figuras 07 e 08 - Famílias que viviam na fábrica Barreto de Araújo em Salvador	55
Figura 09 - Famílias que viviam na fábrica Barreto de Araújo sendo desocupadas	56
Figura 10 – Ruínas da fábrica Barreto de Araújo após ação da SUCOM	57
Figura 11 – Vista aérea frontal da Praça Divina	58
Figura 12 – Vista aérea lateral da Praça Divina	58
Figura 13 – Vista da pista de skate	59
Figura 14 – Vista de piso tátil, pista de cooper e bancos	60
Figura 15 – Vista do anfiteatro	60
Figura 16 – Parque infantil	61
Figura 17 – Equipamentos de musculação	61

Figura 18 – Quadra de esportes	62
Figura 19 – Vista de equipamentos	62
Figura 20 – Mobiliário: Bancos	63
Figura 21 – Pista de skate em uso	63
Figura 22 – Equipamentos de musculação em uso	64
Figura 23 – Uso do anfiteatro promovendo interações sociais	64
Figura 24 – Área livre para circulação e usuários interagindo	65
Figura 25 – Campo de areia e crianças jogando bola	65
Figura 26 – Comércio informal promovendo atividades de lazer	66
Figura 27 – Interação na Praça Divina	67
Figura 28 – Comércio informal de doces e salgados	67
Figura 29 – Dimensão da Praça Dendezeiros	74
Figura 30 – Vista aérea da Praça Dendezeiros	74
Figura 31 – Barraca de morador de rua	75
Figura 32 – Alambrados de quadra degradados	76
Figura 33 – Improviso em proteção de quadra esportiva	76
Figura 34 – Quadra abandonada a noite	77
Figura 35 – Praça abandonada	78
Figura 36 – Calçamento depredado	78
Figura 37 – Péssima iluminação à noite, praça insegura	79
Figura 38 – Parque infantil quebrado com materiais enferrujados	79
Figura 39 – Restos de equipamentos de parque infantil	80

Figura 40 – Equipamentos de musculação degradados	80
Figura 41 – Restos de equipamentos de musculação	81
Figura 42 – Pergolado vira abrigo para moradores de rua à noite	81
Figura 43 – Pergolado com colchões e muita sujeira	82
Figura 44 – Restos de mobiliário da praça: os bancos	82
Figura 45 – Restos de mobiliário da praça: os bancos	83
Figura 46 – Formigueiros em volta da quadra	84
Figura 47 – Sujeira e lixo exposto próximo à praça	84
Figura 48 – Lixo exposto à chuva	85
Figura 49 – Lixo contaminando as calçadas da praça	85
Figura 50 – Ausência de container na praça e muito lixo exposto	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Perfil do usuário (Sexo)	39
Tabela 02- Perfil do usuário (Faixa etária)	40
Tabela 03- Perfil do usuário (Bairro onde mora)	41
Tabela 04- Perfil do usuário (Escolaridade)	42
Tabela 05- Perfil do usuário (Atividade profissional)	42
Tabela 06- Perfil do usuário (Renda mensal)	43
Tabela 07- Questão 1- O que o bairro do Bonfim representa para você?	44
Tabela 08- Questão 2 - As praças em geral contribuem para a vida do homem urbano em quais questões? Por quê?	45
Tabela 09- Questão 3 - Feche os olhos e diga qual a primeira imagem que lhe vem à cabeça quando você pensa nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	46
Tabela 10- Questão 4 – O que você gosta nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	47
Tabela 11- Questão 5 - O que você não gosta nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	48
Tabela 12 - Questão 6 – Qual é o seu lugar preferido nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	50
Tabela 13- Questão 7 – O que você acrescentaria nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	51
Tabela 14- Questão 8 - O que você mudaria nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?	52
Tabela 15- Questão 9 - Você acha que as Praças Divina e Dendezeiros	53

agregam todas as classes sociais?

Tabela 16- Questão 10- O que a Praça Divina lhe proporciona?	67
Tabela 17- Questão 11 - O que você sente quando está na Praça Divina?	68
Tabela 18- Questão 12 - Com que frequência você vem a Praça Divina?	69
Tabela 19- Questão 13 – O que mais lhe atrai na Praça Divina?	69
Tabela 20- Questão 14 - Com qual finalidade você usa a Praça Divina?	70
Tabela 21- Questão 15 - Como você avalia a segurança da Praça Divina?	71
Tabela 22- Questão 16 – Qual a qualidade estética da Praça Divina?	71
Tabela 23 - Questão 17 - A Praça Divina contribui em que para sua vida?	72
Tabela 24 - Questão 18 - O que a Praça Dendezeiros lhe proporciona?	89
Tabela 25- Questão 19 – O que você sente quando está na Praça Dendezeiros?	90
Tabela 26- Questão 20 – Com que frequência você vem a praça Dendezeiros?	90
Tabela 27- Questão 21- O que mais lhe atrai na praça Dendezeiros?	91
Tabela 28- Questão 22 - Com qual finalidade você usa a Praça Dendezeiros?	92
Tabela 29- Questão 23 – Como você avalia a segurança da Praça Dendezeiros?	92
Tabela 30- Questão 24 - Qual a qualidade estética da Praça Dendezeiros?	93
Tabela 31- Questão 25 – A Praça Dendezeiros contribui em que para sua vida?	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP - Áreas de Preservação Permanente

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

DESAL - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Salvador

ELP - Espaços Livres Públicos

IAV - Índice de Área Verde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LIMPURB – Departamento de Limpeza Urbana

MSTS - Movimento dos Sem Teto de Salvador

PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

SECULT – Secretaria de Cultura

SEDHAM - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente

SESP – Secretaria de Segurança Pública

SUCOM - Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município

SUCOP - Superintendência de Conservação e Obras Públicas do Salvador

SPJ - Superintendência de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal do Salvador

UC - Unidades de Conservação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1. ÁREAS VERDES URBANAS</b>	16
1.1 Breve histórico das áreas verdes urbanas	16
1.2 Principais conceitos e funções das praças e áreas verdes urbanas	19
1.3 Os benefícios das áreas verdes urbanas	22
1.4 A prática do lazer na sociedade capitalista	23
<b>2. O PAPEL DO PODER PÚBLICO DO PONTO DE VISTA DA AÇÃO-OMISSÃO NA MANUTENÇÃO DAS ÁREAS VERDES</b>	28
2.1 Caracterização da área de estudo e gestão pública das áreas verdes	28
2.2 Objetos de estudo	38
2.2.1 Caracterização das praças sob o olhar dos usuários	38
2.2.2. Praça Divina	54
2.2.3. Praça Dendezeiros	74
<b>3. INTERAÇÃO DA COMUNIDADE COM AS PRAÇAS E SUAS REPRESENTAÇÕES</b>	96
3.1 O sentimento de pertencimento da comunidade	96
3.2 A sensação de insegurança e suas consequências	99
<b>4. CONCLUSÕES</b>	104
<b>REFERÊNCIAS</b>	108
<b>APÊNDICE</b>	112

## INTRODUÇÃO

Ao se organizar os espaços e planejar uma estrutura urbana, as praças e áreas verdes devem promover novas relações sociais, melhoria da qualidade de vida, sentimento de pertencimento, entretenimento e segurança, garantir acessibilidade e conforto, incentivar a prática de exercício e atividades físicas, promoção de áreas frescas com ventilação natural, além do lazer gratuito que está disponível a todos. Percebe-se que as praças são verdadeiros elos entre os diversos espaços criados, juntamente com percepções, sensações e muitas vezes lembranças que remetem a uma praça que já tenhamos frequentado na infância.

Neste mesmo contexto as áreas verdes propiciam ao urbano, características que vão além de aspectos físicos, pois estas agregam a sensação de estado de lazer, repouso e admiração. No entendimento deste trabalho, áreas verdes englobam local onde predominam a vegetação arbórea, praças, jardins e parques. Sua distribuição deve servir a toda à população, sem privilegiar qualquer classe social e atingir as necessidades reais e os anseios para o lazer. Por isso, a localização, o tamanho, a destinação e a infraestrutura das áreas verdes nas praças urbanas devem ser o resultado de um planejamento criterioso e de visão holística, para que se obtenha o equilíbrio requerido.

O presente trabalho objetiva de modo geral apresentar uma análise acerca da importância, principais funções e gestão das praças e áreas verdes urbanas, bem como a percepção dos usuários sobre essas áreas, trazendo como objetos de estudo as praças Divina e Dendzeiros localizadas no bairro do Bonfim na cidade do Salvador – Bahia. Para tanto, propõe-se especificamente:

- Analisar o papel do poder público do ponto de vista da ação-omissão na manutenção e gestão das áreas verdes urbanas.
- Analisar a interação da comunidade com as praças e suas representações: sentimento de pertencimento versus sensação de insegurança.
- Analisar a percepção que os usuários têm das praças Divina e Dendzeiros considerando as funções e usos destas no espaço urbano.

Na elaboração deste estudo foram executados inicialmente levantamentos bibliográficos de teses, dissertações, livros, artigos, revistas e jornais, relacionados ao estudo de áreas verdes urbanas para assim fundamentar a base teórica da pesquisa. Foram escolhidas como objeto de estudo as Praças Divina e Dendezeiros totalmente destoantes do ponto de vista da atuação-omissão do poder público, conservação- depredação, presença-ausência de equipamentos urbanos, função e utilização dessas praças, dimensão, intensidade de uso, densidade populacional no entorno das praças, localização e principalmente a percepção dos usuários em relação às praças em estudo. Adotou-se a seguinte metodologia para atender aos objetivos da pesquisa:

- a) Caracterizar a área em estudo: Bairro do Bonfim - Península de Itapagipe – Salvador-Ba, do ponto de vista do patrimônio natural que representam;
- b) Caracterizar as áreas verdes urbanas e as Praças Divina e Dendezeiros tendo em vista a ação-omissão do poder público e suas consequências;
- c) Diagnosticar, através de entrevistas – aplicação de questionário e visitas de campo a interação da comunidade com as Praças Divina e Dendezeiros, do ponto de vista social: promoção de interações que permitem a criação de relações sociais, espaço de produção e divulgação de cultura, promoção de lazer, comércio informal, convívio de vizinhança e vida urbana mais saudável;
- d) Interagir com a comunidade e usuários, ainda com aplicação de questionários, no intuito de firmar a existência do sentimento de pertencimento destes em relação às praças em estudo;
- e) Identificar como a sensação de insegurança influencia na percepção do espaço público e suas consequências;
- f) Realizar visitas de campo em diferentes momentos identificando o atual uso das praças e seus usuários.

## 1. ÁREAS VERDES URBANAS

### 1.1. Breve histórico das áreas verdes urbanas

*“A cidade não pode ser vista meramente como um mecanismo físico e uma construção artificial. Esta é envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõe; é um produto da natureza e particularmente da natureza humana”.*

Robert Ezra Park (1973, p. 26)

As ideias atuais do que sejam as áreas verdes urbanas estão profundamente enraizadas na história. Este estudo fará um breve histórico sobre a origem das áreas verdes urbanas para então definir seu papel e importância no meio urbano, sobretudo nas praças.

A princípio ocorreu com a arte da jardinocultura, surgida pela primeira vez em dois lugares: Egito e China. Os jardins do antigo Egito reproduzem-se, em menor escala, o sistema de irrigação utilizado na agricultura cuja função primeira é de amenizar o calor excessivo das residências. Já na China, considerada pátria dos jardins naturalistas, destaca-se por seus jardins de cunho religioso, e a inserção nestes dos elementos da natureza. A significação espiritual, religiosa e mesmo cultural dadas aos jardins, confere a cada elemento que o compõe um significado simbólico próprio. A Grécia é considerada como o país em que pela primeira vez os espaços livres assumem função pública ao serem considerados como locais de passeio, conversa e lazer da comunidade.

Dentre outras contribuições, a história recente mantém vivos os jardins do Renascimento francês e italiano e também a Inglaterra com seu jardim paisagístico. O somatório de todo esse conhecimento permite um entendimento acerca das praças – espaços públicos que tem sua origem não somente na Ágora grega ou no Fórum romano, mas também nos jardins que, expandidos além dos muros que os envolvia, abrem-se ao “consumo” da população (DE ANGELIS, 2000).

A Ágora ateniense era o lugar onde, não só era possível fazer reuniões, mas também onde cada um podia dar sua própria opinião, um símbolo de liberdade. As praças foram reduzidas a estreito oásis de verde, ou a meros espaços de estacionamento, em uma cidade que, com o seu destruidor poder urbano, não dá

mais espaço ao prazer de viver em coletividade, fazendo com que as pessoas tenham perdido o encanto de estar junto e do confronto direto. Os parques e os jardins públicos afloram nas cidades europeias simultaneamente ao aparecimento dos primeiros espaços ajardinados na América a partir do século XVI. Trata-se de uma peculiar forma de urbanização e consolidação dos espaços urbanos, contemporânea ao estabelecimento da ciência moderna e ao surgimento de uma nova sensibilidade, um olhar distinto apreciando a paisagem à luz da redefinição das relações entre o homem e natureza (SEGAWA,1996).

Ao longo da história o papel desempenhado pelos espaços verdes nas cidades tem sido uma consequência das necessidades experimentadas de cada momento, ao mesmo tempo em que é um reflexo dos costumes da sociedade. O fato de observar a natureza e entendê-la como um espaço aberto, fez dos ingleses os pioneiros na idealização e criação dos primeiros parques públicos. No Brasil a presença de praças e largos vem de longa data, remontando aos primeiros séculos da colonização. Sobre esses espaços recaíam as atenções principais dos administradores, pois constituíam pontos de atenções e focalização urbanística, localizando-se ao redor da arquitetura de maior apuro (REIS FILHO, 1968).

Para Gomes (2004), uma sociedade marcada pela expressividade do privado sobre o público, do individual sobre o coletivo e, do concreto sobre o “verde”, as praças são vistas como espaços livres potenciais para compor o sistema de áreas verdes urbanas e, conseqüentemente, como área de lazer importante, principalmente para os grupos de menor poder aquisitivo da sociedade urbana brasileira.

Nesse ínterim, é perceptível que um espaço público – a exemplo de uma praça – com tratamento paisagístico e dotada de equipamentos que atendam as necessidades da população, valorizam o seu entorno por suas vantagens em termos sociais e ambientais. Uma praça bem cuidada é atrativa e preferível nas imediações da residência de qualquer cidadão. Se estiver localizada em um bairro popular desempenhará, na maioria das vezes, o papel de espaço de convivência e descanso de seus moradores; ao contrário, se localizada em meio aos grupos de classes média e alta, provavelmente não passará de um jardim, cuja função estética será a mais relevante.

De forma mais intensa, sobretudo nas últimas décadas, a discussão dos problemas ambientais vem se tornando uma temática obrigatória no cotidiano cidadão. Assim sendo, as áreas verdes tornaram-se os principais ícones de defesa do meio ambiente pela sua degradação, e pelo exíguo espaço que lhes é destinado nos centros urbanos. Llardent (1982, p. 50) retrata a história das funções urbanas desses espaços livres dizendo que: “a cidade é um conjunto de elementos, sistemas e funções entrelaçados”.

Atualmente as áreas públicas não contemplam ações coletivas, reuniões públicas e encontros ao ar livre, tendo em vista a maior valorização de espaços privados, entretenimentos pagos e até simulacros dentro dos próprios shopping centers em substituição às praças públicas com paisagem natural.

Santos (1997a, p. 42) alerta que essas mudanças são quantitativas, mas também qualitativas, tendo em vista que a cidade é cada vez mais um meio artificial, pois se até mesmo no início dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai se tornando cada vez mais raro: o meio ambiente urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encoberta pelas obras dos homens. Nessa linha de raciocínio, Moro (1976, p. 15) relata:

A constante urbanização nos permite assistir, em nossos grandes centros urbanos, a problemas cruciais do desenvolvimento nada harmonioso entre a cidade e a natureza. Assim, podemos observar a substituição de valores naturais por ruídos, concreto, máquinas, edificações, poluição etc..., e que ocasiona entre a obra do homem e a natureza crises ambientais cujos reflexos negativos contribuem para degeneração do meio ambiente urbano, proporcionando condições nada ideais para a sobrevivência humana.

Finalmente a função das praças e áreas verdes dentro do espaço urbano é de acabar com a monotonia gerada pelos edifícios e construções em geral, trazendo assim a sensação de natureza para mais perto da população, o convívio coletivo, o lazer, a recreação, a construção de relações entre vizinhos, a prática de atividades esportivas, além de auxiliar na regulação do microclima proporcionando uma melhor ventilação, áreas arborizadas com sombras agradáveis, um belo paisagismo que muito enriquece e valoriza o entorno das praças, etc. O conjunto de elementos que compõem a paisagem urbana, com o passar dos tempos serão as marcas dos

valores e recordações das populações que ali residiam, haja vista que esses espaços na atualidade refletem em sua maioria o descaso por parte do poder público em ações de manutenção e revitalização das áreas verdes urbanas.

## 1.2. Principais conceitos e funções das praças e áreas verdes urbanas

O uso do verde urbano, principalmente no que diz respeito aos jardins, constitui um dos espelhos do modo de viver dos povos que o criaram nas diferentes épocas e culturas. A princípio as áreas verdes tinham uma função de dar prazer à vista e ao olfato, apenas no século XIX é que assumem uma função utilitária, sobretudo nas zonas urbanas densamente povoadas.

Atualmente o momento de crise estrutural das cidades em decorrência dos problemas de ordem econômica, política, social e cultural, tem conduzido o fenômeno urbano em seu ritmo acelerado a um destino incerto e, cada vez mais, transformando as ciências em força produtiva, e o espaço urbano em mercadoria. Nessa relação desigual e/ou combinada da contraposição entre questões socioambientais e econômicas, em que, de modo geral esta última se sobressai, geralmente ficando aquilo que é público em segundo plano ou ainda considerado como problema (LOBODA, 2003). Segundo Santos (1997b), “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, 1997b, p. 51).

Para Henke-Oliveira (1996) *apud* Cunha *et al.* (2006), que utilizou o índice de área verde por habitante (IAV), áreas verdes urbanas são apenas aquelas de acesso livre ao público e que desempenham função de lazer, além das funções ecológicas e estéticas. Estas áreas também costumam ser chamadas de espaços livres públicos (ELP). As áreas verdes municipais classificadas por Cunha *et al.* (2006) são:

- Áreas urbanizadas – são as áreas verdes equipadas para o lazer ativo e/ou passivo, com traçado definido (passeios e canteiros) e dotadas de vegetação;
- Áreas higienizadas – são as limpas, gramadas ou ensaibradas (terra batida), dotadas ou não de equipamentos simples, com ou sem vegetação, que possibilitem alguma utilização para lazer;

- Áreas não urbanizadas – são propriedades municipais ou áreas de domínio público destinadas ao verde, sem qualquer tratamento;
- Áreas reservadas – são áreas previstas pelo plano diretor ou em loteamentos ainda não entregues à Prefeitura Municipal (SANCHOTENE 1990 *apud* CUNHA *et al.*, 2006).

Para o Ministério de Meio Ambiente, de acordo com o Art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº 369/2006, considera-se área verde de domínio público “o espaço de domínio público que desempenha função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização”. As áreas verdes urbanas são consideradas como o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea (nativa ou introduzida), arbustiva ou rasteira (gramíneas) e que contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades. Essas áreas verdes estão presentes numa enorme variedade de situações: em áreas públicas; em áreas de preservação permanente (APP); nos canteiros centrais; nas praças, parques, florestas e unidades de conservação (UC) urbanas; nos jardins institucionais; e nos terrenos públicos não edificadas.

Vieira (2004) *apud* Caporusso e Matias (2008) admite que as áreas verdes tendem a assumir diferentes papéis na sociedade e suas funções devem estar interrelacionadas no ambiente urbano, de acordo com o tipo de uso a que se destinam. Sendo assim, para ele, as funções destas áreas estariam relacionadas à:

- Função Social: possibilidade de lazer que essas áreas oferecem à população. Com relação a este aspecto, deve-se considerar a necessidade de hierarquização.
- Função Estética: diversificação da paisagem construída e embelezamento da cidade. Relacionada a este aspecto deve ser ressaltada a importância da vegetação.
- Função ecológica: provimento de melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo, resultando no bem estar dos habitantes, devido à

presença da vegetação, do solo não impermeabilizado e de uma fauna mais diversificada nessas áreas.

- Função Educativa: possibilidade oferecida por tais espaços como ambiente para o desenvolvimento de atividades educativas, extra-classe e de programas de educação ambiental.
- Função Psicológica: possibilidade de realização de exercícios, de lazer e de recreação que funcionam como atividades “anti-estresse” e relaxamento, uma vez que as pessoas entram em contato com os elementos naturais dessas áreas.

A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infraestrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados à questão ambiental. No caso deste estudo, as áreas verdes e praças públicas constituem-se elementos imprescindíveis para o bem estar da população, pois influenciam diretamente na saúde física e mental destes.

As praças, pois, são espaços livres, haja vista, nos dias de hoje serem vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando para uma pequena parcela da sociedade alternativas restritas de lazer. De acordo com Santos (1997b, p. 51), “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”.

Os investimentos nas praças se dão como forma de amenizar tais problemas urgentes, sendo que os recursos em geral são os que sobram de outras atividades. Essa inadequada manutenção por parte do poder público e a falta de envolvimento da população com tais áreas propícia o aumento da depredação desses ambientes públicos.

Esta é a realidade de muitas praças da Península de Itapagipe, em sua maioria abandonadas necessitando de requalificação transmitem a sensação de insegurança, abrigo para moradores de rua e ilicitudes.

### 1.3. Os benefícios das áreas verdes urbanas

As praças já existem há muitos anos e nunca deixaram de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade. Sua importância se dá pelos benefícios que trás para a sociedade, tanto pela vegetação que contribui para a melhoria do microclima pela absorção da radiação solar e o efeito sobre a umidade de ar, quanto à influência psicológica que a área verde exerce no conforto da população, além de servir também como ponto de encontro, apresentações culturais, promoção de lazer e bem estar, dentre outras atividades da dinâmica urbana. Mantendo-se uma boa infraestrutura, localização, segurança e estímulos que proporcionem o uso dos espaços públicos, as praças terão maior visibilidade, importância e frequência de usuários. É importante salientar que para as pessoas de classe médio-baixo, por exemplo, as praças são a única fonte de lazer primária, devido ao alto custo para desfrutar de ambientes particulares como shopping centers ou de áreas de lazer, como clubes ou associações privadas.

A manutenção das áreas verdes urbanas sempre foi justificada pelo seu potencial em propiciar qualidade ambiental à população. Ela interfere diretamente na qualidade de vida dos seres por meio das funções sociais, ecológicas, estéticas e educativas, que elas exercem para amenização das consequências negativas da urbanização (CAPORUSSO E MATIAS, 2008).

Caporusso e Matias (2008) elencam vários benefícios que as áreas verdes podem trazer ao homem nas cidades, como: controle da poluição do ar e acústica, aumento do conforto ambiental, estabilização de superfícies por meio da fixação do solo pelas raízes das plantas, abrigo à fauna, equilíbrio do índice de umidade no ar, proteção das nascentes e dos mananciais, organização e composição de espaços no desenvolvimento das atividades humanas, valorização visual e ornamental do ambiente, recreação, diversificação da paisagem construída.

As árvores, através dos processos de adsorção (fixação na superfície) e absorção, contribuem para a redução da poluição atmosférica capturando poluentes comuns em centros urbanos – como gás carbônico – e provendo o oxigênio, melhorando a qualidade do ar. As plantas reduzem a temperatura ambiente e fazem com que o clima local se torne mais ameno. Este processo decorre da interceptação dos raios

solares, do lançamento de água no ambiente, da transpiração, da absorção de parte do calor recebido e do favorecimento da ventilação. Um ambiente urbano saudável é um importante fator econômico e é parte indispensável de um plano de desenvolvimento sustentável: promove uma vida mais saudável, através do fornecimento de lugares destinados às atividades físicas como caminhadas ou passeios de bicicleta e torna a população menos suscetível a doenças. Essas práticas promovem a economia de recursos em áreas como saúde, educação e gestão ambiental, estimulando o uso de cidadania, aumenta-se a coesão social e isso faz crescer o orgulho e a identidade local. Estimula o crescimento econômico e promove a revitalização das áreas degradadas.

Para Matos e Queiroz (2009), as áreas verdes também promovem a inclusão social, considerando a dificuldade de acesso das populações de baixa renda às áreas privadas de recreação como clubes e fazendas e encontram nas áreas verdes urbanas locais de descanso e lazer. As áreas verdes humanizam a cidade e melhoram a qualidade de vida de seus moradores. O desenvolvimento da ética ambiental é potencialmente elevado em crianças que estão em constante contato com o verde, além de um maior desenvolvimento de consciência do meio em que vivem e um comportamento mais harmonioso com o mesmo.

Reconhecendo essa realidade, esse estudo consiste em apontar a necessidade de manutenção dessas áreas públicas bem conservadas, habitáveis, acessíveis, bem estruturadas e seguras com o objetivo de superar as deficiências causadas pelo abandono e descaso das autoridades, mantendo sua conservação e interesse da própria população em utiliza-las e preservá-las.

#### 1.4 A prática do lazer na sociedade capitalista

O elemento fundamental do modo de produção capitalista, que teve seu impulso com a Revolução Industrial, é a mercadoria, tendo como objetivo principal o acúmulo de capital / lucro. O homem a partir da implantação do modo de produção capitalista passa a ser visto apenas como agente produtivo, e não mais como ser com sentimentos, desejos e necessidades próprias. Isto está causando uma profunda e radical transformação social e no modo de viver do homem. O surgimento da vida urbana trouxe novas contribuições para a exposição das massas populares a formas

coletivas de lazer e recursos decorrentes de avanços tecnológicos, em particular a televisão e computadores.

No trabalho de Mascarenhas (2005, p. 230-231), encontram-se referências sobre a invenção do lazer no Brasil, em que relaciona o fenômeno com a internacionalização do capital,

[...] quando, em fins do século XIX, início do XX, o incipiente projeto de modernização e industrialização promove a supressão do trabalho compulsório, fincando bases sobre a exploração do trabalho livre. Vincula-se, além disso, ao impulso dado à urbanização das cidades e às iniciativas de racionalização da política. Associado à tradição colonial, o lazer vai sofrer todo o tipo de intervenção e controle, submetido a um tipo de condenação moral que buscava ajustar o antigo modo de vida às exigências da produção capitalista. Como esclarece a autora, o lazer constituía-se como expressão de uma ação deliberada de amoldamento da subjetividade proletária, um processo de institucionalização da vida cultural que atingiu em cheio a formação social dos trabalhadores na direção do aburguesamento da sociedade, banindo assim experiências não alinhadas à nova disciplina do trabalho.

A globalização juntamente com a reconfiguração de hábitos, fez desaparecer ou quase desaparecer, algumas formas tradicionais de jogos populares, festejos e vários tipos de manifestações individuais e coletivas. Também a acentuada segregação sócio-espacial nas cidades fez com que a classe média-alta se excluísse de alguns processos, para fechar-se nos seus próprios quarteirões culturais, vivendo muitas vezes simulacros em ambientes artificialmente criados para agradar quem está disposto a pagar caríssimo por eles. Necessita-se instituir o lazer como programa urbano, ou seja, criar no urbano a geografia apropriada ao exercício das atividades próprias para o tempo livre, considerando que o tempo livre está ligado ao tempo de trabalho por relações sociais de produção.

Marlene Yurgel (1983) esclarece que desde as épocas mais remotas da história humana, o tempo livre, a libertação das contingências da necessidade mais estrita ligou-se à construção do espírito humano, à construção da cultura. Encontrar uma finalidade para suas horas de lazer foi, para o homem primitivo, uma conquista de liberdade sobre o mundo que o rodeava. As horas de lazer têm por tanto um significado profundo enquanto sempre ligadas, no seu aproveitamento, às conquistas do espírito.

O conceito de lazer amplamente difundido foi o proposto por Dumazedier (1979, p.12):

[...] o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Os direitos sociais como dimensão dos direitos fundamentais do homem, são prestações positivas estatais que possibilitam melhores condições de vida. Por se tratar de uma das funções vitais do urbanismo, o Poder Público deve propiciar a todos da comunidade, espaços adequados e propícios a recreação e lazer.

Atualmente os telefones celulares, o fax, o pager, a internet, entre outros, são mecanismos que marcam a busca incessante por mais tempo, porém, paradoxalmente, o homem termina por preencher esse tempo disponível com mais atividades e afazeres. No caos entre necessidades econômicas e existenciais, o homem contemporâneo se vê dividido entre as obrigações impostas por suas atividades laborais e o desejo de libertar-se dessas tarefas e, assim, poder usufruir um tempo para si. No entanto, todo processo de educação, formação e orientação da sociedade moderna gerou os valores da atual sociedade do consumo, não contempla a orientação para ser/existir num tempo de “nada fazer”.

Munné (1980) apresenta uma tipologia do tempo social, que se revela através de quatro tipos fundamentais:

- O tempo psicobiológico, que é ocupado e conduzido pelas necessidades psíquicas e biológicas elementares, o que engloba o tempo de sono, nutrição, atividade sexual etc. Esse tempo se condiciona endogenamente, é um tempo individual.
- O tempo socioeconômico, que diz respeito ao tempo empregado para suprir as necessidades econômicas fundamentais, constituídas pelas atividades laborais, atividades domésticas, pelos estudos, enfim, pelas demandas pessoais e coletivas, sendo que esse tipo de tempo está quase que

inteiramente heterocondicionado, somente sendo autocondicionado nas circunstâncias que visam à realização pessoal.

- O tempo sociocultural, sendo aquele dedicado às ações de demandas referentes à sociabilidade dos indivíduos que se refere aos compromissos resultantes dos sistemas de valores e pautas estabelecidos pela sociedade e objeto maior de sanção social. Esta categoria de tempo tanto pode ser heterocondicionado como autocondicionado, podendo existir um equilíbrio entre os dois pólos.
- O tempo livre, que se refere às ações humanas, realizadas sem que ocorra uma necessidade externa. Neste caso, o sujeito atua com percepção de fazer uso desse tempo com total liberdade e de maneira criativa, dependendo de sua consciência de valor sobre seu tempo.

Marcellino (1997, p. 157-158) apresenta 4 pontos que devem ser considerados para a caracterização do lazer:

1. Lazer é a “cultura vivenciada no ‘tempo disponível’ das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude”;
2. Lazer é “fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente”;
3. Lazer é “um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural”;
4. Lazer é “portador de um duplo aspecto educativo, veículo e objeto de educação”.

Para Gomes (2004), o lazer se caracteriza por quatro elementos interligados – tempo, espaço-lugar, ações/atitude e manifestações culturais. Estes elementos são enraizados no lúdico, e, mesmo passíveis de pressão e interferência do contexto, bem como não adquirem caráter de obrigação e não são vistos como um conjunto de ocupações a serem cumpridas. A autora afirma ainda que esses 4 elementos

expressam um exercício coletivamente construído, no qual os sujeitos se envolvem em função dos seus desejos.

O lazer capitalista que tem sido disseminado promove produtos que vão resultar em consumo e que, conseqüentemente, vão orientar uma forma de lazer que é orquestrado pela publicidade. A veiculação da publicidade confere enorme poder de barganha para convencer o público consumidor sobre suas vantagens. Seja um *shopping center*, condomínio de luxo, parque temático, resort, boate, a publicidade vai atribuir qualidades e status a estas manifestações de lazer para convencer seu público a ser feliz e viver bem, prazeres proporcionados em sua própria diversão, sendo que, para esta acontecer, é necessário que o sujeito deve investir seu dinheiro na sua felicidade.

Neste sentido, Mascarenhas (2005, p.141) ressalta:

[...] sobre o que é o lazer, é comum ainda encontrarmos respostas que o associam à participação e ao desenvolvimento, dentre outras possibilidades que evidenciam seu potencial formativo, mas o fato é que tendencial e predominantemente o que ele constitui mesmo é uma mercadoria cada vez mais esvaziada de qualquer conteúdo verdadeiramente educativo, objeto, coisa, produto ou serviço em sintonia com a lógica hegemônica de desenvolvimento econômico, emprestando aparências e sensações que, involucralmente, incitam o frenesi consumista que embala o capitalismo avançado. (...) o que estamos querendo dizer é que num movimento como nunca antes se viu o lazer sucumbe de modo direto e irrestrito à venalidade universal. A mercadoria não é apenas uma exceção no mundo do lazer como antes, mas sim a regra quase geral que domina a cena histórica atual.

## 2. O PAPEL DO PODER PÚBLICO DO PONTO DE VISTA DA AÇÃO - OMISSÃO NA MANUTENÇÃO DAS ÁREAS VERDES

### 2.1. Caracterização da área de estudo e gestão pública das áreas verdes

*“Da Barra ao largo do Forte de Santo Antônio, nos confins da grande península, até a Ponta de Monte Serrat (pequena península dentro da maior) e a praia de Itapagipe, fica o ancoradouro bem abrigado de todos os ventos e em lugar desimpedido, havendo espaço para que se possam reunir sem confusão todas as esquadras do mundo”.*

(LINDLEY apud MATTOSO, 1978, pg.79).

Segundo o IBGE (2010), a Península de Itapagipe possui uma área territorial de 6,20 km<sup>2</sup>, com uma população de 180 mil habitantes. Berço de parte do acervo cultural da cidade do Salvador, a Península Itapagipana se constitui como uma das áreas de grande beleza paisagístico-arquitetônica, além de que no passado desempenhou importante papel para a comunidade soteropolitana em termos de defesa militar, esporte e lazer, sincretismo religioso e cultural como um todo. A área de Itapagipe (Figura 1) compreende uma faixa de terra, encravada na Baía de Todos os Santos, que corresponde à parte baixa da falha tectônica, que divide Salvador em Cidade Alta e Cidade Baixa. A partir da Calçada e acompanhando seu entorno litorâneo, percorrem-se os seguintes bairros e localidades: Bairro de Roma, Boa Viagem, Monte Serrat, Ponta do Humaitá, Belvedere, Bonfim, Av. Beira Mar, Ribeira, Enseada dos Tainheiros e Alagados; Na parte interior da península, encontram-se os seguintes bairros: Mares, Roma, Caminho de Areia, Bairro Machado, Jardim Cruzeiro, Uruguai, Massaranduba, Mangueira e Bate Estaca. Ver figura 2 com delimitação do bairro do Bonfim na Península de Itapagipe e a localização das praças Divina e Dendezeiros. Ver figura 2 com delimitação do bairro do Bonfim na Península de Itapagipe e a localização das praças Divina e Dendezeiros.

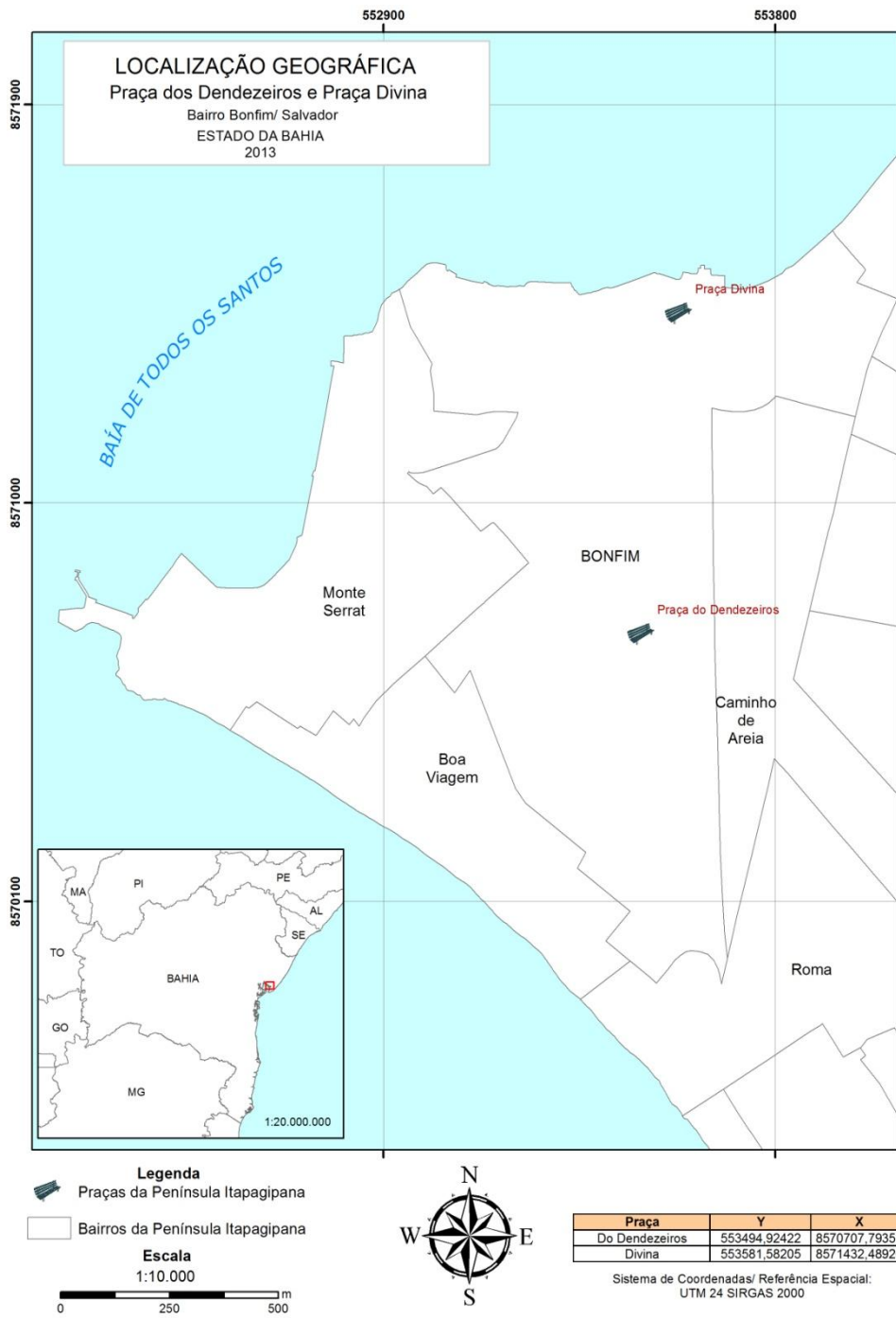


Figura 1 - Localização geográfica do bairro Bonfim - Península de Itapagipe

Fonte: Elaboração própria, com base em dados fornecidos pela CONDER/ 2013.



Figura 2 - Localização geográfica do bairro Bonfim e praças Divina e Dendezeiros

Fonte: Elaboração própria, com base em dados fornecidos pela CONDER/ 2013.

Neste estudo dar-se-á ênfase ao bairro do Bonfim onde se situam as praças Divina e Dendezeiros que serão detalhadas como objeto de estudo desta pesquisa. Apresenta-se brevemente a caracterização do bairro do Bonfim e a sua representação na cidade do Salvador.

Situado em uma das regiões mais privilegiadas por contemplar a vista para a Baía de Todos os Santos, o bairro do Bonfim é um patrimônio histórico cultural. O bairro do Bonfim sempre se destacou um dos principais cartões-postais da cidade do Salvador.

O turismo da cidade volta-se para o bairro do Bonfim e seus atrativos, dentre eles, encontra-se a Basílica do Senhor do Bonfim, inaugurada em 1754, localizada no alto da Colina Sagrada, é um dos símbolos da religiosidade baiana. A construção da Igreja do Bonfim teve início em 1940 com a vinda do Capitão Theodósio de Faria, que tinha grande devoção ao Senhor do Bonfim através da imagem que se venera em Portugal, na cidade de Setúbal, trouxe de Lisboa uma imagem esculpida em pinho de Riga semelhante e construiu o santuário de peregrinação que atrai até hoje muitos fiéis. Ver figuras 3 e 4 com imagens da Igreja do Bonfim.



Igreja do Bonfim – 1859

Figura 3 - Igreja do Bonfim na segunda metade do século XIX

Fonte: Página do site Salvador Antiga



Igreja do Bonfim – 1897

Figura 4 - Vista da Igreja do Bonfim e bonde na segunda metade do século XXI

Fonte: Página do site Salvador Antiga

A procissão de Nosso Senhor do Bonfim e a lavagem das escadarias da Igreja são consideradas as mais importantes comemorações de largo de Salvador. O cortejo ocorre no mês de janeiro na segunda quinta-feira após o dia de Reis (6 de janeiro), o cortejo tem a presença de baianas e fiéis que caminham desde a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia até a Igreja do Bonfim, completando um percurso de aproximadamente 14 quilômetros. No percurso, as baianas levam consigo água de cheiro, jarros de flores e vassouras, e os devotos vestem-se de branco em busca da proteção do santo até a lavagem da escadaria da Igreja do Senhor do Bonfim. A festa prossegue com rodas de capoeira e samba e comidas típicas da Bahia. Do alto da colina apresenta-se um contraste inusitado entre a cidade histórica, constituída de casas datadas do pós-guerra e a cidade moderna, com seus grandes prédios nos bairros da Vitória e Barra.

Tendo em vista o patrimônio histórico e cultural que o bairro representa para os soteropolitanos e turistas, esta pesquisa permitirá realizar uma análise comparativa entre as praças Dendezeiros e a praça Divina, do ponto de vista da ação-omissão do poder público com as áreas verdes urbanas, considerando que a praça Divina foi recentemente reformada e está sendo muito utilizada pelos moradores das

adjacências, está muito bem equipada com pista de skate, quadra poliesportiva, parque infantil, pista de cooper, equipamentos de ginástica, ciclovia, pergolado em eucalipto, mirante e áreas verdes. Já a praça Dendzeiros apesar de grandiosa, está depredada a anos, o que malmente funciona nesta praça é a quadra esportiva, que também está degradada, não tem equipamentos e é pouco utilizada. Nos últimos anos, a Península de Itapagipe passou por transformações significativas seguindo a tendência geral da cidade, porém têm se observado uma forte degradação ambiental e descaracterização do patrimônio arquitetônico-paisagístico, como produto do descaso do poder público.

Ao lado do traçado urbano, das fachadas arquitetônicas e do mobiliário urbano, as áreas verdes são um dos componentes fundamentais da paisagem urbana, no cenário da ordenação urbanística, também tem uma função social. Trata-se de exigência de caráter higiênico, de equilíbrio do meio ambiente urbano, de lazer. É também elemento de equilíbrio psicológico, de reconstituição de tranquilidade, de recomposição do temperamento. Sua correta distribuição no traçado urbano oferece colorido e plasticidade ao meio ambiente urbano. A ordenação da paisagem urbana deve se preocupar com a beleza, a boa aparência, a dimensão plástica, com a estética das cidades e principalmente seu uso e função e acessibilidade, que surte efeitos psicológicos importantes sobre seus habitantes e visitantes e usuários em geral.

Não obstante o importante papel desempenhado pelas áreas verdes no meio ambiente urbano é comum observar que as leis municipais de uso e ocupação do solo urbano, acabam por equipara-las às áreas de lazer, permitindo até que sejam constituídas das áreas de preservação permanente, o que pode gerar problemas que afetam as condições de habitabilidade da população urbana no que se refere sobretudo ao bem estar.

O entendimento doutrinário já firmado a respeito da proteção constitucional e legal ao espaço urbano construído, como forma de expressão do meio ambiente, acabou sendo consolidado através do Art. 2º inciso XII da Lei nº 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) que estabeleceu entre as diretrizes gerais da política urbana a proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico.

O Poder Público de todos os níveis de Governo não tem conseguido intervir na questão urbana com a eficiência necessária, o legislador constituinte procurou dar um tratamento diferenciado e especial ao Direito Urbanístico. Para tanto, buscou regular as atividades do Poder Público destinado ao ordenamento territorial dos espaços habitáveis tendo em vista a garantia do bem-estar da coletividade. Dentro deste contexto, estabeleceu que a política de desenvolvimento urbano a ser executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade (habitação, trabalho, segurança, lazer, circulação etc.) e garantir o bem estar de seus habitantes.

O Estatuto da Cidade, denominação oficial da Lei 10.257/01, que regulamenta o capítulo Política Urbana da Constituição, estabelece, através do seu Artigo 2º, que o desenvolvimento das cidades necessita de planejamento e políticas de modo a evitar e corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente.

O Município como executor da política de desenvolvimento urbano e na sua função de ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e de garantir o bem estar de seus habitantes deve buscar, sobretudo na atividade urbanística voltada ao parcelamento do solo urbano, dar efetividade a garantia da cidade sustentável no que se refere ao direito ao lazer para as presentes e futuras gerações (art. 2º, I da Lei nº10.257/2001- Estatuto da Cidade).

Ainda de acordo com a Constituição, o município é o grande responsável e tem o poder de legislar sobre o ambiente urbano, competindo-lhe proteger, recuperar, fiscalizar e estabelecer normas a respeito das áreas verdes urbanas.

Art. 23 – É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: VI – proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas; VII – preservar as florestas, a fauna e a flora;

Art. 30 – Compete aos Municípios: I – legislar sobre os assuntos de interesse local; VIII – promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano (BRASIL, 1988).

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana. É obrigatório para os municípios com mais de 20 mil habitantes, para aqueles que sofrem conurbações, para os que estão inseridos em “Áreas Especiais de Interesse Turístico” ou que sofram com significativo impacto ambiental, e para aqueles municípios que queiram fazer uso do parcelamento, edificação ou utilização compulsórios de imóvel. No município de Salvador, o PDDU foi estabelecido através da Lei 7.400 de 2008, modificada pela Lei 8.167 de 2012. Assim como previsto pelo Estatuto da Cidade, o Plano Diretor abarca na sua estrutura o debate ambiental, estabelecendo as finalidades e as competências do município. Dentre os princípios da Política Urbana, a conservação do meio ambiente, bem como a recuperação de áreas degradadas, já aparecem claramente como uma prioridade para o adequado ordenamento territorial, respeitando a Constituição Federal e atendendo as funções sociais da cidade (SALVADOR, 2008).

No tocante à Gestão de Áreas Verdes, devem estar atentos a questões relacionadas às alterações no uso e ocupação do solo – especulação imobiliária, adensamento populacional – geração de ruídos e emissão de resíduos sólidos e de efluentes líquidos e gasosos, a demanda de equipamentos urbanos e comunitários, a conservação do ambiente natural e construído e a ampliação ou redução do risco ambiental urbano (SALVADOR, 2008).

A Lei Orgânica de Salvador foi criada no ano de 1990 e passou pela última reforma no ano de 2006. É a lei maior da cidade, onde estão previstos todos os aspectos que regulamentam a ação dos poderes Executivo e Legislativo municipais. Em seu capítulo V, do Meio Ambiente, aborda as diretrizes e competências do Município para gerir adequadamente os aspectos ambientais do seu território em consonância com os interesses sociais.

As praças, as áreas destinadas ao sistema de circulação, à implantação de equipamento urbano e comunitário e os espaços livres de uso público constantes do projeto e do memorial descritivo de um parcelamento do solo, com o registro no ofício predial, passam a integrar o domínio do Município, integram a categoria dos bens públicos de uso comum do povo, tornando-se inalienáveis e imprescritíveis por natureza (arts.99, I e 100 do Código Civil).

A prefeitura de Salvador, através da Subcoordenadoria de Cidadania Ecológica e Cultura da Paz, tem a incumbência de integrar no currículo escolar municipal a educação ambiental, desenvolvendo projetos, promovendo apoio a programas, e capacitando educadores no âmbito da sustentabilidade. Outra importante missão é o desenvolvimento de campanhas de conscientização e valorização do meio ambiente, a fim de sensibilizar a população quanto à preservação das áreas verdes da cidade, implantadas ou nativas. Conta com setor específico de georreferenciamento capacitado para realizar o mapeamento das áreas verdes, praças e largos, monitorar indicadores de sustentabilidade e fornecer os dados produzidos, inclusive mapas para outros setores da prefeitura bem como para o cidadão comum. Visando a facilidade do acesso a informação, conta com a elaboração do Sistema de Informações Ambientais, alimentando-o com informações dos níveis de poluição e degradação ambiental, além de dar subsídio com informações a análise de estudos de impacto ambiental (SALVADOR, 2012).

Verifica-se portanto, que as áreas de lazer e recreação podem integrar as áreas destinadas a implantação de equipamentos comunitários (praças de esportes, estádios públicos, parques) ou até mesmo os espaços livres de uso comum (jardins, praias), desde que vocacionadas para exercício de atividades prazerosas e que permita a qualquer pessoa recuperar as energias despendidas com o trabalho ou atividades, seja a nível físico quanto mental.

O setor público tem por obrigação proporcionar benefícios sociais através do desenvolvimento sustentável, cujo conceito abrange outras dimensões, como a social, a política, a cultural e a do meio ambiente. O Planejamento Governamental deve ser entendido como um processo contínuo de diálogo entre o Estado e a sociedade, considerando ser esse o caminho para o avanço da cidadania para a efetiva democracia. Para Souza (2008), gerir significa administrar uma situação dentro dos marcos dos recursos presentemente disponíveis e tendo em vista as necessidades imediatas. Pereira (2000) *apud* Almeida (2007) argumenta que a Gestão Ambiental é um instrumento administrativo para o exercício da sustentabilidade, o qual faz uso de disciplinas tecnocientíficas a partir de uma política. Inicia com a abordagem do objeto de estudo como um instrumento de ação, através de diferentes metodologias, com uma visão dualista que tende à definição de regiões de planejamento, ou seja, considera a regionalização um instrumento

prático, de função político-econômica, objetivando o ordenamento territorial. Trata-se da prática das relações de poder necessária para dirigir, no tempo e no espaço, a coerência das múltiplas finalidades, decisões e ações (ALMEIDA, 2007).

A busca pela compreensão da diversidade dos aspectos do espaço urbano, relacionados às suas dimensões físico-territoriais e seus habitantes tornou-se uma preocupação para o planejamento e gestão urbana (CAPORUSSO & MATIAS, 2008). A eficácia da utilização do instrumental tradicional no processo gestor tem sido restringida, em parte pela impossibilidade de implantar todas as ações necessárias diante da escassez de recursos financeiros, humanos e técnicos (ALMEIDA, 2007). A visão do Estado como único provedor do planejamento e das práticas de gestão urbanas se deve também ao fato de que o mesmo monopoliza grande parte dos recursos necessários à realização de intervenções e da gestão, além da imagem ideológica do Estado, justificada por suas ações em nome do “interesse público” (SOUZA, 2008).

Mazzei *et al.* (2007) *apud* Caporusso e Matias (2008) ressaltam que o planejamento e a gestão das áreas verdes visam “atender a demanda da comunidade urbana por espaços abertos que possibilitem a recreação, o lazer e a conservação da natureza” (p.35). Em suas concepções,

[...] as áreas verdes não são necessariamente voltadas para recreação e lazer objetivos básicos dos espaços livres, porém devem ser dotadas de infraestrutura e equipamentos para oferecer opções de lazer e recreação às diferentes faixas etárias, a pequenas distâncias da moradia (que possam ser percorridas a pé) (MAZZEI *et al.*, 2007, p. 39 *apud* Caporusso e Matias, 2008).

Uma política voltada para a criação e manutenção dos espaços públicos da cidade tem um efeito muito positivo na aprovação da administração pela opinião pública. Cidades onde existem investimentos em embelezamento e preocupações em transformá-las em ambientes agradáveis para viver também se tornam atrativas a trabalhadores e empreendimentos de diferentes ordens, estratégias que compõem as ações do “marketing urbano”. Ações voltadas à construção e manutenção de espaços arborizados e ajardinados urbanos – de iniciativa pública ou privada – precisam ocorrer em conexão com ações de caráter participativo e educativo, uma vez que a construção de ambientes para usufruto coletivo deve acontecer em

consonância com as próprias necessidades e desejos das comunidades – garantindo a adequação dos projetos às demandas coletivas (SOSTMEYER, s/d).

Considerando os marcos legais que dispõe sobre instrumentos de gestão de áreas verdes a Lei 6.766 de 19/12/1979 que dispõe sobre o uso do solo, preocupa-se com certa proporcionalidade, obrigando, ao parcelador de solo, em seu Art. 4º, prever que pelo menos 35% do espaço a ser dividido em lotes seja constituído de “áreas destinadas a sistema de circulação, implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público [sic]”. Não menos importante é lembrar que, na lei, em seu artigo 3º, são feitas restrições ao parcelamento de determinados locais, inclusive impedindo, explicitamente, o parcelamento de solo “em áreas de preservação ecológica [sic]”, como, por exemplo, as previstas no Art. 2º da Lei Nº 4.771 de 15/09/1965 que institui o Código Florestal. (CAVALHEIRO & DEL PICCHIA, 1992).

## 2.2. Objetos de estudo

### 2.2.1 Caracterização das praças sob o olhar dos usuários

Nesse momento da pesquisa coloca-se o usuário como elemento principal na percepção das praças e suas representações; a forma como se consolida a relação do usuário com as praças Divina e Dendzeiros foi determinante para identificar a existência de afetividade ou repulsa com as praças. Os usuários, vivenciando as praças nas diversas possibilidades de usos, muito contribuíram com o olhar crítico que está mais próximo da realidade abordada, ou seja, o ponto de vista de quem conhece e utiliza esses espaços públicos. Através da aplicação de questionários, os usuários forneceram subsídios para a quantificação dos dados e possível interpretação dos resultados por parte do pesquisador. Desta forma, os frequentadores das praças Divina e Dendzeiros foram estimulado a falar sobre o que a vivência cotidiana com as praças proporcionam para seu bem estar, a vida urbana, quais as suas relações com as praças, que funções lhes são atribuídas, como utilizam as praças e a importância destas no contexto de vida de cada usuário.

As fotografias foram utilizadas como recurso de percepção que o pesquisador pode abstrair observando a relação dos usuários com as praças em diferentes dias da semana e finais de semana, além de horário diferenciado.

As entrevistas com os usuários das praças aconteceram no período de 23 dias, do dia 08 de outubro a 30 de outubro de 2013, em turnos e horários diferentes. Os usuários entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, porém tentando abranger as diferentes faixas etárias e usos diferenciados das praças.

Neste momento apresenta-se o resultado das informações coletadas nas observações obtidas nas várias visitas às praças e as informações fornecidas pelos usuários. As observações fortaleceram a percepção do objeto de estudo e possibilitaram que a dinâmica da praça fosse percebida, vivenciada, deixando aflorar a percepção da realidade cotidiana dos usuários em seus diversos usos, bem como os aspectos físicos e ambientais das praças Divina e Dendezeiro. As impressões sobre o lugar e os subsídios fornecidos pelos usuários nas entrevistas com aplicação de questionários, possibilitaram as comparações e associações entre as praças em estudo, permitindo a interpretação da relação do usuário com a praça.

Esta metodologia foi imprescindível para avaliar de forma holística a representação das praças Divina e Dendezeiros, visto que este estudo propõe uma análise comparativa entre as praças do ponto de vista da ação-omissão do poder público e suas consequências, bem como a percepção dos usuários de forma comparativa entre as praças e o sentimento de pertencimento versus a sensação de insegurança que perpassa aos usuários em face das diferentes dinâmicas adotadas em cada praça.

O questionário foi dividido em três partes: a primeira parte com o objetivo de conhecer o perfil dos usuários, a percepção destes sobre o bairro do Bonfim, sobre as praças em geral e estabelecer um paralelo comparativo entre as praças Divina e Dendezeiros; a segunda parte busca apresentar questões específicas da percepção dos usuários sobre a praça Divina e as representações desta para os usuários, esta análise está disponível no tópico: objetos de estudo – Praça Divina; a terceira e última etapa, apresenta questões específicas da percepção dos usuários sobre a praça Dendezeiros e o que esta representa para os usuários, esta análise está disponível no tópico: objetos de estudo – Praça Dendezeiros.

A parte 1 da entrevista analisa o perfil geral dos usuários, suas percepções em torno do bairro do Bonfim, da percepção de praça em geral, do sentimento de pertencimento ao lugar e da análise comparativa entre as praças Divina e Dendezeiros. As partes 2 e 3 constam ao longo do desenvolvimento do tópico Objetos de Estudo, onde a parte 2 da entrevista refere-se ao observado na praça Divina e a parte 3 da entrevista refere-se ao observado na praça Dendezeiros.

Parte 1 - Perfil dos usuários e suas percepções gerais do bairro do Bonfim e das praças Divina e Dendezeiros comparativamente.

Para conhecer melhor os usuários das praças Divina e Dendezeiros foram considerados: sexo, idade, bairro onde moram, escolaridade, atividade profissional, renda mensal. Depois de analisados, cada item pesquisado foi apresentado em tabelas com o objetivo de auxiliar a visualização das respostas dos entrevistados.

Tabela 01 – Perfil do usuário (Sexo)

Sexo		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Masculino	13	65%
Feminino	07	35%
Total	20	100%

Dos 20 usuários entrevistados, 65% são do sexo masculino e 35% são do sexo feminino. Constatou-se, portanto, que a frequência de usuários do sexo masculino é predominante em relação ao sexo feminino, o que se justifica pela maior predominância de pessoas do sexo masculino utilizando os equipamentos esportivos das praças: quadra de futsal, pista de skate, equipamentos de musculação, ciclovia.

Tabela 02 – Perfil do usuário (Idade)

Idade		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
15 a 30 anos	14	70%
31 a 45 anos	04	20%
Acima de 45 anos	02	10%
Total	20	100%

Para melhor identificar o perfil dos entrevistados no que se referem à idade, as faixas etárias foram divididas em intervalos: de 15 a 30 anos, de 31 a 45 anos, e acima de 45 anos. Dos 20 entrevistados, 70% estão na faixa etária de 15 a 30 anos, 20% dos 20 entrevistados estão na faixa etária de 31 a 45 anos, 10% estão na faixa etária acima de 45 anos. Fica evidente que a maioria dos frequentadores das praças está na faixa etária de 15 a 30 anos, o que justifica a busca por lazer e prática de atividades físicas dos mais jovens, sobretudo pelas características modernistas que se dão ao uso das praças em estudo.

Tabela 03 – Perfil do usuário (Bairro onde mora)

Bairro onde mora		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Bonfim	07	35%
Ribeira	03	15%
Massaranduba	06	30%
Jardim Cruzeiro	02	10%
Uruguai	01	05%
Outros	01	05%
Total	20	100%

A identificação do bairro onde mora contribuiu para indicar a origem dos usuários das praças, além de dar subsídios para a análise de aspectos como acessibilidade, atrativos que o lugar oferece e motivação de deslocamento até as praças. Das 20 pessoas entrevistadas, todas moram em bairros adjacentes ou próximos ao bairro do Bonfim, todos eles pertencentes à Península de Itapagipe. A maioria dos usuários correspondendo a 35% moram no próprio bairro do Bonfim, e os demais residem em bairros densos de classe média baixa em geral. Dentre eles, 15% das pessoas entrevistadas moram no bairro da Massaranduba, um bairro bastante denso e populoso, 10% dos entrevistados moram no bairro do Jardim Cruzeiro, bairro este bastante denso, 05% moram no Uruguai e 05% distribuem-se no bairro Monte Serrat. Constatou-se que os moradores dos bairros mais próximos são os usuários mais frequentes das praças; na sua maioria, frequentam as praças nos finais de semana, e em segundo grau, frequentam diariamente, o que indica uma relação de proximidade com o lugar e boa acessibilidade deste.

Tabela 04 – Perfil do usuário (Escolaridade)

Escolaridade		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Nível fundamental	11	55%
Nível médio	07	35%
Nível superior	02	10%
Total	20	100%

O perfil dos usuários no quesito escolaridade foi dividido em três grupos: ensino fundamental, nível médio e nível superior. Dos entrevistados, 55% possuem nível fundamental completo, 35% possuem nível médio completo, 10% possuem ensino superior completo. A pesquisa demonstrou que a maioria dos usuários possui nível fundamental, seguidos de nível médio e nível superior.

Tabela 05 – Perfil do usuário (Atividade profissional)

Atividade profissional		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Estudantes	09	45%
Profissionais liberais	03	15%
Assalariados	05	25%
Desempregados	02	10%
Aposentado	01	05%
Total	20	100%

Quanto à atividade profissional, detectou-se que 45% são estudantes, 15% são profissionais liberais, ou seja, adultos que concluíram o ensino médio e trabalham como autônomos, 25% são assalariados, 10% estão desempregados, 5% são aposentados. Constatou-se que os usuários das praças exercem atividades profissionais que exigem baixo nível de escolaridade, com a predominância de pessoas de nível fundamental e médio. Este perfil profissional é geralmente, observado em maior escala nas camadas populares, em bairros densos e populosos onde predominam a classe média-baixa.

Tabela 06 – Perfil do usuário (Renda mensal)

Renda mensal		
Opções de renda	Número de entrevistados	Percentual
Não possuem renda	09	45%
Possuem renda de até 01 salário mínimo	07	35%
Acima de 01 a 04 salários mínimos	03	15%
Acima de 04 salários	01	05%
Total	20	100%

Para identificar a renda mensal foram colocadas para escolha dos entrevistados as opções: não possui renda, possui renda de um salário mínimo, possui renda acima de 01 a 04 salários mínimos, e acima de 04 salários mínimos. A pesquisa demonstrou que dentre os entrevistados 45% não possuem renda, 35% possuem renda de um salário mínimo, 15% possuem renda acima de 01 a 04 salários mínimos, 5% possuem renda acima de 04 salários mínimos.

A partir da pesquisa, constatou-se que o público que frequenta as praças Divina e Dendezeiros não é muito diversificado, originados de bairros próximos, com

atividades profissionais de baixo de grau de escolaridade e renda baixa. O que foi proposto como modelo de função das praças e áreas verdes atendendo a todos os públicos sem distinção de classe, renda ou escolaridade não se observa nesta pesquisa. Muito em vista a falta de manutenção e conservação dos equipamentos urbanos, bem como a falta de promoção de atividades culturais desencadeiam a falta de interesse de outras camadas por áreas públicas de lazer. Também o incentivo ao consumo, ao lazer capitalista, a falta de segurança nos espaços públicos têm estimulado as classes média-alta a optar por formas de lazer elitizados que representam muitas vezes simulacros para saciar a demanda por lazer e contato com áreas verdes.

Tabela 07 – Questão 01

O que o bairro do Bonfim representa para você?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Bem estar	07	35%
Lazer	03	15%
História	05	25%
Relaxamento	02	10%
Outros	03	15%
Total	20	100%

A maioria dos entrevistados (35%), respondeu que o bairro do Bonfim poderia ser definido com o item bem estar, 15% considera o lazer como principal caracterização do bairro, 25% afirma que o bairro é rico em história e este é um elemento diferencial para caracterizar o bairro, 10% dos entrevistados consideram que o bairro é propício para o relaxamento, sobretudo pela presença de praças e por este ser um bairro bastante arborizado, outros (15%) elegem elementos festivos para identificar o bairro, a exemplo da Lavagem do Bonfim, o que demonstra que a definição do lugar

é composta de vários elementos que contribuem para a qualidade ambiental, social e cultural do bairro na percepção dos usuários.

Tabela 08 – Questão 2

As praças em geral contribuem para a vida do homem urbano em quais questões?  
Por quê?

Opções	Número de entrevistados	Percentual
Ambiental	05	25%
Social	05	25%
Lazer	07	35%
Cultural	02	10%
Outros	01	05%
Total	20	100%

Os entrevistados que escolheram o ambiental (25%) enfatizando a importância e beleza da quantidade de árvores existentes nas praças e o benefício que trazem para o bairro do Bonfim e entorno 25% consideram as praças são espaços gratuitos para as interações da comunidade e estas possibilitam trocas de contato, convivência, bate-papos e encontros, 35% com maioria dos usuários destacam que as praças contribuem para a vida do homem urbano proporcionando lazer gratuito para todos, 10% chamam atenção para a cultura, visto as praças também são espaços abertos à divulgação de diferentes grupos culturais, outros (5%) referem-se às praças como espaço público pertencente à população sobre cuidados da prefeitura.

Tabela 09 – Questão 3

Feche os olhos e diga qual a primeira imagem que lhe vem à cabeça quando você pensa nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Diversão	10	50%
Tranquilidade	03	15%
Interação	07	35%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiro	Número de entrevistados	Percentual
Medo	05	25%
Lugar abandonado	12	60%
Futebol	03	15%
Total Praça Dendezeiros	20	100%

Para muitos usuários a imagem descrita está relacionada à atividade que pratica na praça ou com a relação da praça com sua vida pessoal como; “pista de Cooper”, “pessoas andando”, “Jogo de dominó”, “grupo de amigos”, “gente e movimento”, “crianças correndo”. A relação de proximidade e a importância que um lugar pode exercer na vida e no cotidiano das pessoas são demonstradas através da formulação das imagens que se faz. Relatos associaram o lugar com sentimentos afetivos pessoais.

Analisar o resultado desta tabela é fundamental para deixar claro qual a percepção dos usuários em relação à praça Divina e à praça Dendezeiros, comparativamente visto que com esta pergunta propõem-se uma análise comparativa entre as praças. Foram propostas as mesmas alternativas de respostas para as duas praças, porém em função do agrupamento de respostas representarem análises opostas entre as

praças, foi mantido na tabela apenas as opções de respostas dadas de acordo com as respostas dos entrevistados.

Observa-se que 50% dos entrevistados percebem a praça Divina como um local de diversão, 15% como enxergam um local de tranquilidade e calma, 35% percebem um lugar de interação social.

Oposto ao observado na praça Divina, a pesquisa apresentou que 25% dos usuários entrevistados sentem medo ao pensar na praça Dendezeiros, visto que alguns dos entrevistados comentaram que já sofreram assalto na praça e não se sentem bem neste local, 60% imaginaram um lugar abandonado, esquecido pelo poder público e pela comunidade, inútil para práticas de atividades e lazer, 15% dos entrevistados pensaram no futebol pois estes usuários costumam utilizar a quadra da praça Dendezeiros para jogar bola durante a semana.

Tabela 10 – Questão 4

O que você gosta nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?		
Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Opções de lazer	08	40%
Movimentação de pessoas	06	30%
Equipamentos	06	30%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiro	Número de entrevistados	Percentual
Quadra esportiva	12	60%
Localização	02	10%
Áreas verdes	06	30%
Total Praça Dendezeiros	20	100%

Dentre as opções propostas deste quesito, 40% dos entrevistados identificaram na praça Divina opções diversas de lazer, 30% focaram na movimentação de pessoas e circulação constante de crianças, 30% disseram que gostam dos equipamentos instalados na praça, como a pista de skate, os equipamentos de musculação, o anfiteatro, os parquinhos e bancos que contornam a orla da Ribeira.

No observado da Praça Dendezeiros, a maioria dos entrevistados (60%) responderam que quadra esportiva é o melhor lugar da praça e mais utilizado visto que ainda permite “bater o baba” apesar das condições de degradação destas, 10% consideram a localização da praça como fator facilitador de acesso, inclusive salientam que utilizam a praça para “cortar caminho” no deslocamento do ponto de ônibus para seus logradouros, 30% destacam o quanto gostam das áreas verdes, a presença de muitas árvores promovendo sombra e ventilação propiciam uma sensação agradável na praça dos Dendezeiros, porém salientam que a falta de estrutura e manutenção destas dificultam e até impossibilitam seu uso.

Tabela 11 – Questão 5

O que você não gosta nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Faltam atividades culturais	08	40%
Não tem quiosque de vendas	05	25%
Faltam opções de consumo	07	35%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiro	Número de entrevistados	Percentual
Ausência de usuários	06	30%
Não tem equipamentos	08	40%
É insegura/ escura	06	30%
Total Praça Dendezeiros	20	100%

Sobre a praça Divina poucos foram os relatos indicando insatisfação com os elementos físicos da praça. As maiores queixas foram relacionadas à falta de atividades culturais (40%), 25% reclamam da ausência de quiosques organizados para vender bebidas e comidas tradicionais na praça, visto que o comércio informal na praça é limitado à venda de pipoca, xurus e cachorro-quente, 35% dos usuários comentam que faltam opções de comércio para consumo de comidas e bebidas nas proximidades da praça, o que possivelmente diminui a intensidade de usos.

Na praça Dendezeiros a preocupação com a preservação do espaço físico da praça demonstra a afetividade que o usuário tem com o lugar que apesar de abandonado sempre fez parte da infância e adolescência de muitos entrevistados, muitos usuários demonstram conhecer toda a praça e enumerar todos os problemas, dentre eles a insegurança, a falta de ação do Estado promovendo degradação da praça e consequente abertura de espaço para ilicitudes, abrigo para moradores de rua e lixo à céu aberto, etc. Dos entrevistados, 30% chamam atenção para a ausência de usuário, visto que poucos frequentam a praça e este é um forte motivo para o afastamento de outros possíveis usuários, 40% indicam que a praça não tem equipamentos novos e nenhum atrativo que propicie a frequência dos moradores do bairro do Bonfim e entorno, 30% afirmam que a praça é insegura e mal iluminada, propiciando uma sensação de insegurança e desprezo pelo local.

Tabela 12 – Questão 6

Qual é o seu lugar preferido nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?		
Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Pista de skate	07	35%
Equipamentos de musculação	04	20%
Quadra de futebol	03	15%
Outros	06	30%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiro	Número de entrevistados	Percentual
Quadra de futebol	06	30%
Bancos em frente ao Colégio Análise	03	15%
Não frequento	11	55%
Total Praça Dendezeiros	20	100%

A praça Divina está bem equipada para a dimensão da praça e as opções de mobiliário que esta dispõem. Dentre os usuários entrevistados 35% gostam mais da pista de skate, 20% preferem os equipamentos de musculação e pista de cooper, 15% gostam mais da quadra de futebol, outros (30%) optaram por parque infantil, quadra de areia e bancos confrontando com o mar.

Na praça dos dendezeiros 30% responderam que preferem a quadra de futebol, 15% disseram utilizar os bancos que ficam em frente ao Colégio Análise, 55% informaram não frequentar a praça.

Novamente a presença comparativa entre as praças, em vista da ação e omissão do poder público e as consequências sentidas pelos usuários destes espaços.

Tabela 13 – Questão 07

O que você acrescentaria nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?		
Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Quiosques	09	45%
Campo de vôlei de areia	04	20%
Comércio nas proximidades	07	35%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiros	Número de entrevistados	Percentual
Reforma/ manutenção	13	65%
Equipamentos	05	25%
Iluminação	02	10%
Total Praça Dendezeiro	20	100%

Observa-se nos percentuais da tabela acima que na praça Divina os usuários carecem de opções de comércio, pontos de vendas de comidas e bebidas e opções de equipamentos que propiciem a prática de outros esportes.

Como se pode observar na tabela acima, a praça Dendezeiros apresenta uma carência muito estrutural que abrange toda a conjuntura da praça em vista a degradação da praça, necessitando de reforma, manutenção, novos equipamentos, iluminação e outros que são fundamentais para manter a qualidade física da praça e promover suas funções sociais.

Tabela 14 – Questão 08

O que você mudaria nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?		
Opções Praça Divina	Número de entrevistados	Percentual
Ampliaria o parque infantil	04	20%
Outras opções de comércio	06	30%
Nada	08	40%
Sanitários	02	10%
Total Praça Divina	20	100%
Opções Praça Dendezeiros	Número de entrevistados	Percentual
Todos os equipamentos	09	45%
Os postes	04	20%
Manutenção das árvores	07	35%
Total Praça Dendezeiro	20	100%

Muitos usuários disseram que não precisava acrescentar nada (40%) que a praça após a reforma está ótima. Algumas sugestões foram dadas pelos entrevistados (30%) de acréscimos de equipamentos como bar, lanchonete, posto policial, área coberta para apresentação teatral; outros acrescentaram a importância de ter comércio no entorno da praça, ampliação de equipamentos adequados para o parque infantil (20%) e a carência de sanitários públicos (10%).

A maioria dos entrevistados (45%) salientam a troca de todos os equipamentos da praça Dendezeiros, bem como postes de iluminação, manutenção e poda das árvores e grama; no geral foi proposto uma reforma para toda a praça.

Tabela 15 – Questão 09

Você acha que as Praças Divina e Dendezeiros agregam todas as classes sociais?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Sim	04	20%
Não	16	80%
Total	20	100%

Unanimemente a resposta foi não, pois é notório que os usuários das praças Divina e Dendezeiros em estudo são em grande maioria de classe média baixa, bem como o grau de escolaridade destes pertence em geral ao nível fundamental e médio, percebe-se que a maioria dos usuários são crianças acompanhadas dos pais, adolescentes e jovens de renda baixa, moradores do bairro do Bonfim e adjacência.

### 2.2.2. Praça Divina

Apresenta-se agora um breve histórico da área em que a atual Praça Divina foi construída. A referida praça foi construída num terreno onde existia a fábrica Barreto de Araújo após o processo de demolição/desocupação com área de 6.675m<sup>2</sup> que será apresentado no desenvolvimento do trabalho. Esta praça foi construída e entregue há dois anos pela prefeitura do Salvador, ou seja, em 2011. Quando a fábrica ainda estava em ruínas a Praça Divina já existia, situada ao lado da fábrica, porém sua dimensão espacial era muito inferior à praça que construída, visto que a praça atual ocupa a antiga praça Divina e a área da fábrica Barreto de Araújo. Ver (Figura 5).



Figura 5 – Delimitação de poligonal da fábrica Barreto de Araújo em Salvador e da Praça Divina

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Google Maps, 2010.

A Península de Itapagipe abrigou por mais de um século, a quase totalidade das indústrias de Salvador. Segundo Milton Santos (1958, p. 334), nos meados do século XX, concentravam-se na região metropolitana as principais indústrias têxteis, químicas e farmacêuticas, ou seja, as de óleos vegetais, sabões, velas, de preparação de cacau, metalurgia e todas se relacionavam com a rodovia e a ferrovia, direta ou indiretamente.

Essas indústrias desapareceram, devido a diferentes fatores, como a concorrência das indústrias do Centro Sul do país, e conseqüente decadência. As empresas industriais de Itapagipe, ao desaparecerem, como nos demais polos industriais de outros países, deixaram, em seu lugar, ruínas e espaços vazios que continuam a causar problemas de poluição, de diversas naturezas, especialmente a visual.

Dentre essas indústrias, a fábrica Barreto de Araújo Produtos de Cacau S/A foi desativada em 1994. O prédio ficou abandonado por muitos anos até que por volta de 2004/2005, o mesmo foi invadido pelo Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS). Ver figura 2 com delimitação da referida fábrica e da praça Divina.

Em 2011, o prédio da antiga fábrica Barreto de Araújo começou a ser demolido pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (SUCOM), - pois a construção apresentava sérios riscos de desabamento, deixando vulneráveis 122 famílias integrantes do Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS), aproximadamente 450 pessoas que ocupavam o imóvel. (Figuras 6, 7 e 8).



Figura 6 – Em contraste com o verde das árvores e o azul do mar, a fábrica Barreto de Araújo em Salvador

Fonte: Página do Blog Salvador Historia Cidade Baixa.



Figuras 7 e 8 - Famílias que vivem na fábrica Barreto de Araújo em Salvador. Imagens vencedoras do prêmio de fotografia britânico Terry O'Neill

Fonte: Página do Blog BBC Brasil.

A prefeitura do Salvador se articulou junto ao Governo Federal, agentes da SUCOM e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (SEDHAM) e relocaram os moradores para novas unidades habitacionais do programa “Minha Casa, Minha Vida”, construídas no bairro do Jardim das Margaridas. (Ver Figura 9).



Figura 9 - Famílias que viviam na fábrica Barreto de Araújo sendo desocupadas

Fonte: Site da SUCOM.

As obras para construção da nova Praça Divina foram iniciadas após a assinatura da ordem de serviço pelo Prefeito João Henrique, juntamente aos órgãos: Companhia de Desenvolvimento Urbano (DESAL), Superintendência municipal de Conservação e Obras Públicas da Capital (SUCOP), Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECULT) e de Serviços Públicos e Prevenção à Violência (SESP).

Na solenidade de assinatura, o prefeito destacou a importância das praças, que são quase 650 em toda a capital, para a promoção da cidadania e falou das políticas de habitação, lembrando que no local, vivem 122 famílias em situação de vulnerabilidade social, que hoje residem em apartamento no condomínio Jardim das Margaridas.

Segundo notícia publicada no site da prefeitura em 2011, os moradores destacaram que esta obra era esperada há mais de 20 anos pela comunidade e que sua

importância, além de social, é também histórica e turística. “A importância dessa obra para a comunidade de Itapagipe é histórica e fundamental para o desenvolvimento turístico, econômico e social da comunidade. O prefeito retirou um prédio onde vivam pessoas em condições subumanas e nos dá mais um equipamento que vai incrementar ainda mais o turismo”, observa o líder comunitário Moyses Cafezeiro juntamente com o líder do Movimento dos Sem Teto de Salvador, Idelmário Proença. Ver (figura 10) com ruínas da antiga fábrica após a ação da SUCOM.



Figura 10 – Ruínas da fábrica Barreto de Araújo após ação da SUCOM

Fonte: Página do Blog Salvador Historia Cidade Baixa.

O projeto da nova área de convivência do bairro do Bonfim, a Praça Divina foi elaborada pela Fundação Mário Leal Ferreira, vinculada à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e meio Ambiente (Sedham) e executado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano (Desal) e pela Superintendência de Conservação e Obras Públicas do Salvador (Sucop). Foram investidos cerca de R\$ 800 mil, oriundos dos cofres municipais.

A praça possui equipamentos como banquinhos, mesas com tabuleiros de jogos, equipamentos de ginástica para adultos, brinquedos, parquinhos, bancos com e sem

encostos, quiosque, rampas e pista tátil para deficientes visuais, pista de cooper, bicicross e de skate, quadra de futebol e anfiteatro. (Ver figura 11 e 12).



Figura 11 – Vista aérea frontal da Praça Divina

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 12 – Vista aérea lateral da Praça Divina

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

No intuito de fotografar a Praça Divina com diferentes dinâmicas, foram escolhidos dias de semana e final de semana, além de horários diferentes (dia, tarde e noite) para fotografar os equipamentos da praça, analisar o uso dos equipamentos e a interação social entre os usuários. As fotos que seguem (Figuras 13 a 20) foram feitas numa tarde durante a semana e o tempo estava nublado, havia pouquíssimos usuários na praça.



Figura 13 – Vista da pista de skate

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 14 – Vista de piso tátil, pista de cooper e bancos

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 15 – Vista do anfiteatro

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 16 – Parque infantil

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 17 – Equipamentos de musculação

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 18 – Quadra de esportes

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 19 – Vista de equipamentos

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 20 – Mobiliário: Bancos

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

As fotos que seguem (Figuras 21 a 28) demonstram outra dinâmica da praça, elas foram criadas num domingo à noite e o tempo estava sem indícios de chuva.



Figura 21 – Pista de skate em uso

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 22 – Equipamentos de musculação em uso

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 23 – Uso do anfiteatro promovendo interações sociais

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 24 – Área livre para circulação e usuários interagindo

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 25 – Campo de areia e crianças jogando bola

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 26 – Comércio informal promovendo atividades de lazer

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

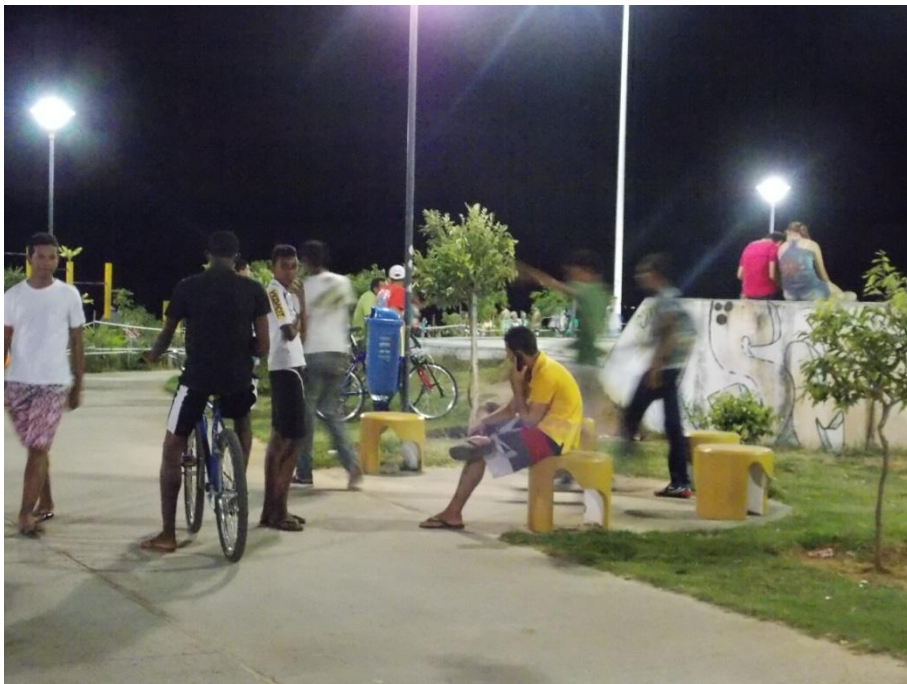


Figura 27 – Interação na Praça Divina

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 28 – Comércio informal de doces e salgados

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

Com o objetivo de interagir com os usuários da Praça Divina e deles extrair sentimentos de pertencimento destes, o grau de satisfação e insatisfação, entre outros em relação à praça em estudo, foram elaboradas perguntas que depois de aplicadas em campo com os usuários fez-se o levantamento de dados e calculado o percentual e estimativa das respostas tabulas. Seguem as tabelas comentadas com o resultado da cada item perguntado no questionário.

Tabela 16 – Questão 10

O que a Praça Divina lhe proporciona?

Opções	Número de entrevistados	Percentual
Bem estar	05	25%
Relaxamento	06	30%
Lazer	09	45%
Total	20	100%

A representação da praça para o usuário é muito importante nesta pesquisa, visto que as funções das praças são várias e esta tende a atender diferentes demandas e públicos diversos. Na percepção dos entrevistados, 45% consideram que a principal comunicação destes com a praça é o lazer, 30% percebem a praça Divina como espaço de relaxamento para as horas livres, 25% indicam que a praça propicia o bem estar em primeiro lugar.

Tabela 17 – Questão 11

O que você sente quando está na Praça Divina?

Opções	Número de entrevistados	Percentual
Conforto	03	15%
Tranquilidade	07	35%
Satisfação	08	40%
Insegurança	02	10%
Total	20	100%

No quesito da percepção do lugar e a sensação que este transmite para quem o utiliza, a praça Divina satisfaz, em maioria (40%) os anseios dos usuários, passa tranquilidade e paz (35%), propicia o conforto (15%), que apesar de muito subjetivo, nesta pesquisa está colocado como satisfação do bem estar do usuário, apesar de bem iluminada, houve quem a considerasse a praça insegura (10%) pela falta de policiamento.

Tabela 18 – Questão 12

Com que frequência você vem a Praça Divina?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Diariamente	03	15%
Finais de semana	13	65%
Às vezes	02	10%
Outros	02	10%
Total	20	100%

A praça Divina é sempre bem movimentada durante a semana e principalmente nos finais de semana, quando a demanda por lazer é sempre maior no bairro do Bonfim e bairros adjacentes. Dentre os entrevistados 15% frequentam a praça diariamente, 65% frequentam a praça nos finais de semana, 10% dos usuários entrevistados informam que frequentam a praça às vezes e outros (10%), frequentam a praça esporadicamente.

Tabela 19 – Questão 13

O que mais lhe atrai na Praça Divina?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
O verde	02	10%
A tranquilidade	02	10%
O valor histórico	01	05%
Opções de lazer	14	70%
Outros	01	05%
Total	20	100%

Muitos são os atrativos da praça, dentre eles o paisagismo, a presença de áreas verdes, a calmaria do mar propiciando tranquilidade, as opções de lazer como cama elástica, parque infantil, pista de skate, pista de bike e o lugar de encontro dos jovens.

Tabela 20 – Questão 14

Com qual finalidade você usa a Praça Divina?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Convívio social	04	20%
Lazer	10	50%
Atividades físicas	03	15%
Busca de silêncio	02	10%
Outros	01	05%
Total	20	100%

A maioria dos entrevistados (50%) utilizam a praça em busca de lazer, em segundo lugar (20%) buscam o convívio social e as relações de bairro, ou demais em menores proporções buscam exercitar-se com atividades físicas e musculação, há quem busque silêncio, paz e tranquilidade.

Tabela 21 – Questão 15

Como você avalia a segurança da Praça Divina?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Ótima	04	20%
Boa	07	35%
Regular	05	25%
Ruim	03	15%
Péssima	01	05%
Total	20	100%

A sensação de segurança é fundamental para estabelecer um laço de confiança e conforto no local, 55% dos entrevistados consideram a praça segura considerando-se os parâmetros de segurança boa e ótima, outros 45% percebem a praça relativamente insegura considerando os parâmetros regular, ruim e péssimo.

Tabela 22 – Questão 16

Qual a qualidade estética da Praça Divina?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Ótima	05	25%
Boa	12	60%
Regular	03	15%
Total	20	100%

A estética da praça revela ao usuário seu grau de conservação – degradação e na maioria das vezes é a estética da praça quem estimula ou desmotiva a frequência dos usuários. Observa-se que 60% dos entrevistados simpatizam com a estética da praça Divina, 25% a consideram ótima num grau de excelência e apenas 15% a consideram regular com um certo grau de insatisfação. Foi relatado durante a aplicação do questionário que apesar de recentemente inaugurada a praça Divina, esta já apresenta sinais de desgaste em muitos equipamentos, na grama e nos bancos, logo, a necessidade de frequentes reparos seriam interessante para manter a boa aparência da praça.

Tabela 23 – Questão 17

A Praça Divina contribui em que para sua vida?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Saúde	02	10%
Convívio social	06	30%
Lazer	09	45%
Atividades físicas	02	10%
Outros	01	05%
Total	20	100%

Como já observado nas demais tabelas, a Praça Divina contribui majoritariamente promovendo lazer e espaços de interação e convívio social, também contribui para a melhoria da saúde, incentivo a prática de atividades físicas, as áreas verdes transpassam a sensação de um lugar agradável, fresco e arejado para interagir e praticar diversas atividades.

O principal entrave ao planejamento de áreas livres, como os parques de bairro, resume-se ao problema de alimentar uma vizinhança diversificada capaz de utiliza-

los e mantê-los. Parques muito usados como áreas públicas genéricas costumam incluir quatro elementos em seu projeto: complexidade (multiplicidade de motivos que as pessoas têm para frequentar os parques urbanos); centralidade; insolação e delimitação espacial. Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia a dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) as áreas bem localizadas, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez de sensação de vazio (JACOBS, 2001).

### 2.2.3. Praça Dendezeiros

Neste momento faz-se a análise da Praça Dendezeiros, caracterizando a atual situação da praça em vista da omissão do poder público na manutenção e gestão gerando graves consequências para os moradores do bairro do Bonfim, também busca analisar qual a percepção dos usuários e moradores do entorno da praça.

A Praça Dendezeiros localizada no bairro do Bonfim está situada num quarteirão de residências e faz forte comunicação entre as Av. Dendezeiros e a Av. Caminho de Areia. Pela dimensão, localização, presença de áreas verdes e por confrontar com muitas residências, a Praça dos Dendezeiros deveria cumprir suas funções sociais na promoção de lazer, bem-estar e segurança aos moradores do bairro do Bonfim e bairros adjacentes, porém a realidade da praça em estudo é outra e será detalhada ao longo dos próximos parágrafos. Ver figura 29 com foto aérea da praça.



Situada a menos de 200 metros da 3ª Delegacia do Bonfim, a incidência de roubos tem aumentado a cada dia, de acordo a moradora do Caminho de Areia, Fátima Conceição: "Passo todos os dias por aqui à noite, mas sempre com muito medo. Levaram o celular de minha sobrinha na semana passada e minha irmã também já foi assaltada passando por aqui".

Outro problema citado é a quantidade de mendigos e usuários de drogas no local. Os moradores de rua que se instalaram na Praça dos Dendezeiros teriam vindo do Largo de Roma, após a recuperação e a implantação de guardas municipais na praça do Largo de Roma. Tendo em vista que a praça não é frequentada pela população local pela ausência de condições físicas, de estrutura e manutenção da praça, os moradores de rua encontram nesta um lugar abandonado pelo poder público e pela população, um espaço público para montar suas barracas, colchões e papelão para abrigarem-se de dia e à noite.



Figura 31 – Barraca de morador de rua

Fonte: Google Maps - Street View, 2010.

No ano de 2009 constava na Praça dos Dendezeiros, um cartaz afixado na grama afirmando que obras estavam sendo realizadas, porém nunca houve funcionário da prefeitura no local, muito menos reforma. Os moradores do bairro reclamam e demonstram muita insatisfação com a atual situação da depredatória que se encontra a praça, principalmente os que residem próximo à praça e nas avenidas Caminho de Areia e Dendezeiros.

A pavimentação das calçadas está bastante degradada impossibilitando a acessibilidade para os pedestres e cadeirantes. Também os alambrados das quadras de esportes estão furados e desgastados, comprometendo a única utilidade que a praça ainda consegue manter: o “baba”. Apesar da péssima infraestrutura da praça, muitos garotos e rapazes utilizam a quadra para jogar bola durante a semana e nos finais de semana, durante o dia e a noite.

Abaixo as figuras 32 à 34 demonstram o estado em que se encontram os alambrados das quadras de futebol, seguido das figuras 35 à 37 demonstrando a depredação das calçadas e áreas de circulação na praça.



Figura 32 – Alambrados de quadra degradados

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 33 – Improvismo em proteção de quadra esportiva

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 34 – Quadra abandonada a noite

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 35 – Praça abandonada

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 36 – Calçamento depredado

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 37 – Péssima iluminação à noite, praça insegura.

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

Os equipamentos de parques, bancos e pergolado estão subutilizados, totalmente degradados, enferrujados, quebrados, sujos e conseqüentemente sem usuários. Abaixo as figuras 38 à 44 demonstram o que sobrou de equipamentos na praça dos Dendezeiros.



Figura 38 – Parque infantil quebrado com materiais enferrujados

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 39 – Restos de equipamentos de parque infantil

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 40 – Equipamentos de musculação degradados

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 41 – Restos de equipamentos de musculação

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 42 – Pergolado vira abrigo para moradores de rua à noite

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 43 – Pergolado com colchões e muita sujeira

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

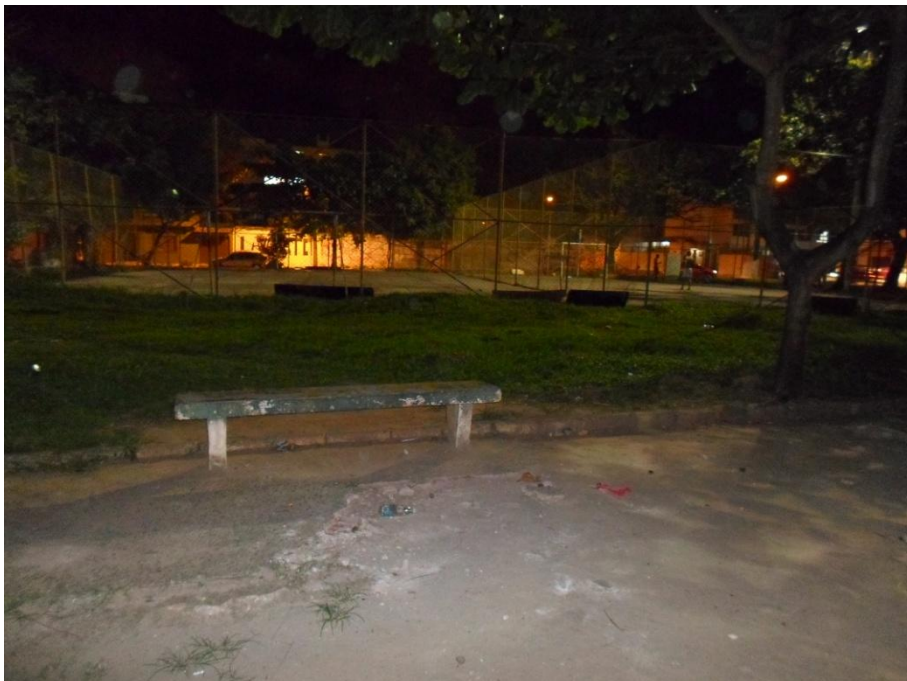


Figura 44 – Restos de mobiliário da praça: os bancos

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

O depósito de resíduos sólidos de forma indevida é um grave problema em qualquer circunstância, pois gera sujeira, odores, vetores perigosos e conseqüentemente a propulsão de doença para a população. Em entrevista com os moradores que residem próximo à praça houve muitas queixa sobre a falta de container para despejo adequado do lixo é frequente, o que já foi comunicado à Limpurb, que não deu retorno até o momento. Esta situação se agrava em épocas de chuva visto que as ruas alagam pela falta de sistema de drenagem adequado e acúmulo de resíduos nos terminais drenantes, o que condiciona a propagação de vetores como ratos e baratas. Além do acúmulo de lixo indevido, existem grandes formigueiros em várias partes da praça, tudo isso se justifica pela omissão dos órgãos competentes para mitigar e sanar tais desgastes. Abaixo as figuras 45 à 50 revelam o descaso da prefeitura com a coleta de lixo e a falta de manutenção das áreas verdes da praça.



Figura 45 – Formigueiros tomam conta da grama

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 46 – Formigueiros em volta da quadra

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 47 – Sujeira e lixo exposto próximo à praça

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 48 – Lixo exposto à chuva

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 49 – Lixo contaminando as calçadas da praça

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.



Figura 50 – Ausência de container na praça e muito lixo exposto

Fonte: Acervo pessoal, fotografado em 2013.

Em notícia publicada pelo jornal Correio da Bahia em 11/07/2005, o corretor logístico Luís Carlos Santos, 55 anos, morador do Bonfim desde 1979, informou que costumava caminhar pela Praça dos Dendezeiros todos os dias. Ele considera que o local está abandonado e precisa de reformas urgentes. "Vieram aqui, passaram uma tinta nos bancos e acham que fizeram alguma coisa. É preciso cuidar da grama, da limpeza e da iluminação, além de investir na praça, considerando que ela é um espaço de lazer. Por que não fazem um parque recreativo? Duvido que nas praças de bairros nobres com a Graça e Vitória a situação seja essa", retrucou o morador.

De acordo com a mesma notícia, em 2005 o prefeito João Henrique teria lançado o Programa Superintendência de Manutenção e Conservação da Cidade (SUMAC) nos Bairros, para atender às reivindicações das comunidades de bairros, realizando obras e serviços através do sistema de mutirões com mão-de-obra dos próprios moradores. O programa inclui serviços de macro e microdrenagem, pavimentação rígida e asfáltica (tapa-buraco), recuperação de passeios, meio-fio, limpeza e pintura de prédios e monumentos públicos e recuperação de praças.

O superintendente da Sumac, Welington Pereira, afirmou que a responsabilidade sobre as reformas na Praça do Dendezeiros é da Companhia de Desenvolvimento Urbano de Salvador (Desal). "Tenho mais de 700 praças para cuidar na cidade toda, por isso, estamos dividindo o serviço", explicou. O presidente da Desal, Euvaldo Jorge, disse que a reforma da praça não foi abandonada, mas as obras precisaram ser interrompidas por causa da chuva. Ele garantiu que hoje as obras serão reiniciadas e concluídas daqui há dez dias. "Estamos com todo material preparado para retomarmos as atividades. O serviço é rápido e logo ficará pronto", assegurou. (Jornal Correio da Bahia, 11/01/2005).

O resultado da omissão do poder público nas praças e áreas verdes, sobretudo na Praça dos Dendezeiros em estudo, evidencia grandes perdas para a comunidade que deixa de ter um espaço público cuja sua função social é promover lazer, convívio social, ponto de encontros, espaço aberto para troca de relações, diálogos, prática de esportes etc. e abre espaço para ilicitudes, abandono, abrigo para moradores de rua e usuários de drogas, ou seja, a praça passa a ser um grande problema para a população, sobretudo para quem mora próximo à praça, que apresenta insegurança, insalubridade, mal cheiro, iluminação precária, péssimo padrão de estética para uma área verde, danos ao meio ambiente etc.

A falta de recursos para a manutenção de praças é um problema nacional que tem sido mitigado com programas de adoção de praças. No estudo de caso da Praça Dendezeiros propõe-se a adoção de praças como alternativa para amenizar as consequências da omissão do poder público e dar um retorno positivo à comunidade.

Na cidade do Salvador já existem experiências da parceria entre o setor público e o privado na adoção de praças. De acordo com material fornecido pela Superintendência de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Salvador - SPJ, a construção, conservação e manutenção de praças, áreas verdes e espaços livres de Salvador é onerosa para a prefeitura e exige disponibilidade de recursos, muitas vezes escassos. Por falta desses recursos, como solução, foi criado pelo Decreto 15.629, de 02 de maio de 2005, o "Programa Nossa Praça". Trata de um recurso utilizado com o objetivo de unir esforços entre poder público, iniciativa privada e grupos sociais organizados, onde a empresa interessada em adotar uma praça firma, através de um Termo de Acordo, o compromisso de cuidar da praça.

O Termo possui vigência de dois anos podendo ser renovado em acordo comum entre Prefeitura Municipal de Salvador e empresa privada. Em contrapartida, é permitida à empresa adotante a colocação de engenhos publicitários nas áreas adotadas, contendo o nome da empresa, ligando assim, a imagem da empresa associada à responsabilidade social e à contribuição para preservação do meio ambiente.

Atualmente, o projeto conta com cento e catorze áreas adotadas e cerca de sessenta áreas em processo de negociação com termos aditivos e busca por novas parcerias. O resultado do Programa, no ano 2007, indica a adesão de vinte e nove empresas que contribuíram significativamente para melhoria de muitas áreas da cidade, entre elas a recuperação da Praça Nossa Senhora da Luz, adotada pela OAS Empreendimentos e Gafisa S/A. Localizada na Pituba, a praça que estava bastante degradada pela ação de vândalos foi devolvida à população com piso recuperado, recomposição vegetal, recuperação da grama sintética do parque infantil, pintura do gradil, restauração da vigilância, recuperação da fonte musical. Osistema de iluminação foi recuperado pela Secretaria Municipal de Serviços Públicos - SESP.

Outra adoção feita pela Goodwin Entretenimento recuperou o aquário da Praça 2 de Julho – Campo Grande e das duas fontes luminosas. As ações da Secretaria de Planejamento - SEPLAN e da Fundação Mário Leal Ferreira - FMLF visam identificar as áreas objeto de intervenção, elaborar projetos, divulgar o programa, selecionar os adotantes, adequar e aprovar projetos feitos por terceiros de modo a atender aos parâmetros da prefeitura. Cabe à SEPLAN e à SUCOM a fiscalização dos engenhos publicitários localizados nas áreas adotadas.

As obras são executadas pelo poder público municipal por intermédio da Secretaria Municipal de Transporte e Infra- Estrutura – SETIN, ou por intermédio de terceiros sob sua fiscalização, cabendo à Superintendência de Parques e Jardins – SPJ fiscalizar o cumprimento das normas técnicas e responsabilidades da entidade adotante.

A adoção de praças tem mostrado que é viável a parceria entre o público e o privado, porém a iniciativa privada apenas demonstra interesse em revitalizar praças de bairros nobres que podem ofertar maior retorno no investimento de marketing e

propaganda, ficando as praças de bairros periféricos relegadas. No caso da Praça Dendezeiros propõe-se a adoção da praça pela iniciativa privada do curso e colégio Análise, que tem a fachada do prédio totalmente voltada para a praça, além de que o público jovem que frequenta o curso e colégio seria amplamente contemplado com a reforma da praça juntamente com a comunidade do bairro. Esta iniciativa também iria favorecer a divulgação da propaganda do Análise, bem como minimizar os vários problemas de insegurança, desprezo, inutilidade e sujeira aparentes na praça.

Apresentam-se neste momento as tabelas resultantes das entrevistas realizadas com os moradores do entorno da Praça dos Dendezeiros, usuários que passavam pela praça ou estavam fazendo algum uso da praça e com usuários da Praça Divina, também objeto de estudo desta pesquisa.

Tabela 24 – Questão 18

O que a Praça Dendezeiros lhe proporciona?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Bem estar	02	10
Insegurança	09	45
Desconforto	03	15
Nada	06	30
Total	20	100%

Dentre os entrevistados, a maioria se sente inseguro na Praça dos Dendezeiros (45%), outros (30%) dizem que a praça não lhe proporciona nada visto que não se sentem atraídos pela praça, 10% disseram que sentem bem estar pela quantidade de árvores da praça e outros 15% revelam o sentimento de desconforto e descontentamento com o estado de degradação da praça.

Tabela 25 – Questão 19

O que você sente quando está na Praça Dendezeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Tranquilidade	01	05
Insegurança	09	45
Medo	07	35
Nada	03	15
Total	20	100%

Novamente o sentimento de insegurança perpassa em 45% dos entrevistados, seguido de medo (35%), sensação de desconforto (15%) e tranquilidade pela presença de verde (5%).

Tabela 26 – Questão 20

Com que frequência você vem a Praça Dendezeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Diariamente	03	15
Finais de semana	02	10
Às vezes	02	10
Outros	13	65
Total	20	100%

A Praça Dendezeiros não é muito frequentada, apenas as quadras esportivas são utilizadas por garotos para jogar bola, outro uso restrito é a presença de alguns bancos de concreto que confrontam o curso e colégio Análise, durante o dia alguns

alunos costumam sentar para prostrar nos intervalos das aulas. Dentre os resultados observados com a aplicação dos questionários, 65% alegou não frequentar a praça ou utiliza-la apenas como atalho para atravessar o quarteirão, 10% frequentam às vezes para “bater o baba”, jogar bola, 10% frequentam nos finais de semana o bar que fica em uma das esquinas da praça e 15% comentaram que frequentam diariamente para se deslocarem do ponto de ônibus que fica próximo à suas residências.

Tabela 27 – Questão 21

O que mais lhe atrai na Praça Dendzeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
O verde	02	10
A localização	04	20
Acesso a outras ruas	07	35
Não me atrai	05	25
Outros	02	10
Total	20	100%

A dinâmica que a praça promove no bairro do Bonfim é apenas de deslocamento entre avenidas, por sua localização central entre dois grandes bairros, o Bonfim e Caminho de Areia, a praça é acessada constantemente por pedestres (35%) que se deslocam, o que não significa que percebem a praça como sendo espaço público para lazer, outros (25%) não se sentem atraídos pela praça e os demais 20% sentem-se atraídos pela sombra das copas de árvores e pela quadra de futebol.

Tabela 28 – Questão 22

Com qual finalidade você usa a Praça Dendezeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Convívio social	02	10
Lazer	03	15
Atividades físicas	01	05
Busca de silencio	02	10
Outros	12	60
Total	20	100%

É visível que a praça é muito pouco utilizada para práticas de lazer, convívio social e atividades físicas exceto o “baba”, visto que a praça definitivamente não está equipada para fornecer nenhum tipo de estrutura que promova a sua utilização, pelo contrário, têm-se percebido o repúdio da população pela praça que acarreta vários entraves para a comunidade, absolutamente 60% dos entrevistados confirmam que utilizam a praça apenas para se deslocar de um ponto a outro.

Tabela 29 – Questão 23

Como você avalia a segurança da Praça Dendezeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Boa	02	10
Regular	03	15
Ruim	10	50
Péssima	05	25
Total	20	100%

No quesito segurança, 75% dos entrevistados consideram a praça ruim e péssima visto que é muito mal iluminada, por não ter muitos usuários se torna deserta, abriga moradores de rua e drogados, outros 25% consideram a segurança da praça entre boa e regular.

Tabela 30 – Questão 24

Qual a qualidade estética da Praça Dendezeiros?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Regular	02	10
Ruim	03	15
Péssima	15	75
Total	20	100%

A qualidade estética da praça inevitavelmente denuncia todos os problemas aparentes e visíveis como o a exposição do lixo e o odor proveniente deste, a presença de equipamentos enferrujados, árvores sem podar, grama irregular, descuido com solo e exposição à formigueiros, calçadas destruídas ou inexistentes etc. A estética que promove a atração das pessoas, envolve desejos e sensações, deixa a desejar na praça Dendezeiros onde tudo o que se vê é descaso e abandono pelo poder público. Dentre os números observados 75% dos entrevistados se mostram drasticamente decepcionados com a péssima aparência da praça, os demais usuários não se mostram muito diferente considerando os percentuais de 10% regular e 15% ruim.

Tabela 31 – Questão 25

A Praça Dendezeiros contribui em que para sua vida?		
Opções	Número de entrevistados	Percentual
Convívio social	02	10
Lazer	05	25
Não reconheço	07	35
Outros	06	30
Total	20	100%

O reconhecimento do que o lugar representa é muito singular e subjetivo, pois são vários os fatores que determinam a percepção, nesta pesquisa percebe-se que apenas 10% reconhece a Praça Dendezeiro como espaço para convívio, 25% reconhecem o lazer que apesar de precário tem atendido algumas demandas, 35% não percebem alguma contribuição da praça e outros 30% apresentam casos pontuais de sentimento pela praça.

### **3. INTERAÇÃO DA COMUNIDADE COM AS PRAÇAS DIVINA E DENDEZEIROS E SUAS REPRESENTAÇÕES**

#### **3.1. O sentimento de pertencimento da comunidade**

Para analisar a performance de um ambiente, é necessário conhecer o usuário do ambiente estudado, seu comportamento ambiental, como ele percebe, como vê e interpreta este espaço através de formulação de imagens; como ele se apropria dos espaços, como interfere e adapta o espaço para suprir suas necessidades. Logo, torna-se relevante um entendimento maior sobre: qualidade ambiental urbana e qualidade de vida, percepção, leitura, imagem ambiental, uso e apropriação do espaço.

Os ambientes mais frequentados são em geral aqueles que satisfazem os anseios dos usuários proporcionando prazer, satisfação e qualidade de vida, porém se os padrões de qualidade de vida individual ou coletiva não forem aceitáveis devido a problemas de acesso, inclusão, permanência, satisfação etc; não significa que a qualidade ambiental não seja boa, entretanto pode-se acreditar ter uma boa qualidade de vida individual ou coletiva, e as condições ambientais se apresentarem deterioradas por fatores como excesso de poluição, contaminação de recursos hídricos, índices ameaçadores de segurança ambiental, dentre outros, logo, se isso acontecer, não existirá qualidade de vida.

Para Wilhelm (1976, p. 136 -141), os fatores de qualidade de vida são:

- Sentir-se saudável – É estar fisicamente preparado para realizar tarefas onde são possíveis as condições de recuperação física e psíquica.
- Proteção física – Proteção contra agressões físicas.
- Prazer – Sentir prazer está relacionado à sensação de bem estar, satisfação sensorial: sentir um bom perfume, ouvir música, ver uma bela paisagem. O prazer depende da estrutura psicológica do indivíduo; também é constituído por realização sexual e através de realização pessoal, da moral e ética caracterizada pelo padrão cultural.

- Conforto – É composto pela relação homeostática do indivíduo com o ambiente. Um ambiente limpo despoluído contribui para uma paisagem agradável que proporciona ao cidadão conforto e conseqüentemente uma boa qualidade de vida.
- Silêncio – O fator silêncio é primordial para a recuperação física, seja através do sono ou da recuperação intrapsíquica com o recolhimento e o sentimento de privacidade. O aumento do ruído urbano além diminuir a acuidade auditiva é fator de tensão e desconforto. A sensação de conforto torna o espaço mais disponível, os padrões culturais, o número de usuários e a idade são determinantes para sua quantificação. A partir da satisfação de necessidades em áreas livres, áreas verdes e dimensões mínimas de logradouros, é que é determinado o grau de conforto. A satisfação pode ser determinada quantitativamente com a relação m<sup>2</sup> por habitante ou, qualitativamente, pela qualidade da paisagem. Em ambos os casos, a qualidade e execução do projeto é fator determinante.
- Equipamentos – O atendimento em equipamento familiar (televisão, eletrodomésticos, móveis automóveis) ou coletivo (pavimentação, rede de esgotamento sanitário, luz, água, transporte) é que viabiliza o conforto coletivo e a acessibilidade, ou seja, é necessário que sua distância esteja dentro de limites confortáveis e acessíveis e o custo do deslocamento adequado às condições financeiras dos usuários.
- Privacidade – O cotidiano urbano se caracteriza entre o individual e o coletivo e os dois são necessários e significativos. Ser reconhecido pelo grupo que está inserido é essencial para o bem-estar sociopsicológico; já o conforto individual desperta o sentimento de privacidade. A qualidade de vida determinada pela privacidade está relacionada ao silêncio que proporciona ao indivíduo recolhimento e recuperação intrapsíquica.
- Segurança – A qualidade de vida aumenta quando o cidadão tem o sentimento de segurança física, proporcionada pelas instituições, se sentindo protegido contra agressões assaltos e roubos. A sensação de bem-estar por segurança é proporcionada pela capacidade do indivíduo discernir entre o certo do errado, demonstrado pela orientação moral e ética. Esta segurança é

garantida quando o espaço externo facilita a orientação visual é fornecida quando as variedades arquitetônicas são bem compostas, o que facilita a identificação de pontos de referências.

- Papel social – Quando o indivíduo é aprovado e reconhecido por parte do grupo que está inserido, propicia melhora de sua auto-estima e, conseqüentemente, uma sensação de bem-estar. A qualidade de vida proporcionada por esses fatores aos indivíduos depende mais de condições psicológicas do que de condições ambientais.
- Liberdade – A cidade e suas múltiplas opções desperta nos indivíduos o desejo de liberdade. A liberdade de expressão se apresenta de várias formas: física, através do corpo; formal, do modo como se veste e age espontaneamente; de opinião, ao escrever e dizer o que pensa. A liberdade de criação está ligada à liberdade de opinião. A liberdade de expressão é demonstrada, espontaneamente, sem planejamento anterior ou restrições externas. A liberdade de movimento proporciona varias opções de escolha, de caminhos diversos, evitando trajetos rotineiros. Quando existem várias opções de vias e meios de comunicação diferentes facilita a acessibilidade.

Quando se utiliza o conceito de lugar, na maioria das vezes, se remete à Geografia Humanística, ou seja, associa-se o lugar apenas ao espaço vivido. Mas essa correlação não é por acaso, pois essa corrente encontrou no lugar a possibilidade de explicar a construção do mundo, já que o lugar é visto como o mundo da vida, marcado pela experiência e percepção. O lugar é utilizado como principal conceito na abordagem humanística, cujas bases metodológicas estão associadas à fenomenologia e ao existencialismo - também chamado de uma fenomenologia existencial, pelo diálogo estabelecido entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação (BUTTIMER, 1982).

### 3.2. A sensação de insegurança e suas consequências

No tópico desta pesquisa será desenvolvido o conceito da sensação de insegurança e suas consequências nos ambientes públicos urbanos. Para que uma praça possua boa qualidade ambiental urbana será imprescindível que o conjunto de fatores descritos abaixo contribuam para um ambiente saudável.

Chauí (2001, p. 122-123) questiona: o que é percepção? E descreve várias características da percepção. Para ela sensação e percepção são a mesma coisa; a percepção não é a soma de sensações separadas e sim uma totalidade de configurações sensoriais dotadas de significações, onde o percebido é sentido e encontra significado fazendo parte do mundo. A percepção é uma relação do sujeito com o mundo exterior, e a forma de perceber sofre influências de valores sociais. Sociedades diferentes podem perceber as coisas de formas diferentes. Um espelho, uma fotografia para nossa sociedade são objetos que permitem ver uma imagem, o que não acontece com algumas sociedades indígenas, onde o ato de ver a imagem de alguém ou ver a própria imagem refletida num espelho significa perder a identidade, provocando uma percepção de pavor.

Para Chauí (2001, p. 123) a percepção é uma “Conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo”. E continua:

A percepção envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, Istoé, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. Percebemos as coisas e os outros de modo positivo ou negativo, percebemos as coisas como instrumentos ou como valores, reagimos positiva ou negativamente a cores, odores, sabores, texturas, distâncias, tamanhos. O mundo é percebido qualitativamente, afetivamente e valorativamente. Quando percebemos outra pessoa, por exemplo, não temos uma coleção de sensações que nos dariam as partes de seu corpo, mas a percebemos como tendo uma fisionomia (agradável ou desagradável, bela ou feia, serena ou agitada, sadia ou doentia, sedutora ou repelente) e por essa percepção definimos nosso modo de relação com ela. (Chauí, 2001, p.23).

Para Kohlsdorf (1979, p.18,19), o primeiro contato que os indivíduos têm com o meio ambiente se dá através das sensações, para isso são necessárias algumas

condições tanto por parte do meio ambiente como dos indivíduos. O meio ambiente, por exemplo, com ondas luminosas e o indivíduo através do funcionamento dos órgãos receptores do sistema nervoso, entre outros. Apesar das sensações constituírem a ligação mais próxima da consciência com a realidade objetiva, elas não reproduzem a realidade, mas fornecem elementos para que a percepção aconteça.

No entendimento de Kohlsdorf (1980, p.18,19):

Na percepção do espaço, em que pese à contribuição dos receptores visuais e tátil - cinético, não comparecem apenas estas características do objeto, mas toda a sua complexidade, ainda que de maneira subjetiva. É por isso que a percepção constitui-se, no processo de conhecimento humano, a forma básica do reflexo sensorial, e não a sensação. A percepção possui caráter de maior conscientização: está intimamente ligada ao pensamento e às demais experiências anteriormente adquiridas, porque, no córtex cerebral, ocorre uma síntese dos estímulos provenientes de todos os receptores, tanto os sensoriais ( sinais primários ) quanto dos decodificadores ( sinais secundários). Em segundo lugar esta síntese fornece a percepção caráter de globalidade, o que faz da imagem percebida um retrato claro da realidade objetiva, onde estão abrangidos não apenas as manifestações externas, as relações superficiais, o isolado e o ocasional, mas também, junto com estes, as conexões internas importantes, genéricas e essenciais.

Segundo Ferrara (1993, p. 18), a percepção urbana é uma prática cultural e através dela é possível certa compreensão da cidade; para isso, se embasa no espaço urbano e na imagem física da cidade, da praça, da rua. A imagem perceptiva da cidade criada a partir da reunião de uso e hábito se sobrepõe ao projeto urbano. A imagem quando habitual mostra-se homogênea e ilegível. A homogeneidade quando rompida projetam elementos que qualificam o espaço urbano, esse processo que retêm e guarda informação sobre a cidade, nada mais é do que a percepção.

Um lugar desperta impressões, e nele são identificados os vários aspectos que proporcionam beleza, repúdio, funcionalidade, conforto, desconforto, cheiros, ruídos. Ao serem identificados no ambiente esses aspectos, através da recepção de estímulos e dos sentidos, como a visão, o olfato, a audição, o tato, possibilita-se a formação de imagens e a capacidade de avaliar a qualidade do ambiente.

Para Ferrara (1997), a transformação de um espaço em lugar, a partir da percepção do usuário, desvenda a cidade que é exposta para todos e que são vivenciadas no

seu cotidiano; a percepção urbana captada na leitura possibilita uma interpretação da imagem da cidade que vai além das fotos de um ambiente.

A modernidade opera uma separação entre espaço e lugar, ambos passam a ser distintos. Giddens (1991) nos fala de esvaziamento do espaço. Para ele o lugar, enquanto cenário em que convergem o ambiente físico e as atividades sociais, passa a ser dissociado do espaço. Diversas atividades passam a independender da localidade. Giddens relata sobre os espaços vazios:

O desenvolvimento de 'espaço vazio' pode ser compreendido em termos da separação entre espaço e lugar. (...) 'Lugar' é melhor conceitualizado por meio da ideia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela 'presença' – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros 'ausentes', localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Giddens (1991, p. 26)

Giddens sugere que dois elementos favoreceram o que ele chama de espaço vazio, são eles: a percepção dos locais como múltiplos, sem favorecer um lugar específico; e os sistemas que permitiram a utilização de uma marcação e delimitação espacial comum.

Baseado no conceito de qualidade ambiental urbana de (LUEGO, - 1988 apud MOURA 2007), a qualidade ambiental urbana é resultado do conjunto de fatores como conforto, segurança, elementos estéticos, elementos físicos, elementos biológicos, convívio social, que qualifica o ambiente urbano. Quando o somatório desses fatores é benéfico e contribui para que o ambiente seja saudável, significa que a qualidade ambiental urbana é boa, quando não, significa que a qualidade ambiental urbana é ruim.

- Conforto - térmico, físico e acústico. O conforto térmico é a sensação de bem estar dos usuários proporcionada por ventilação, sol, sombra, presença de árvores. O conforto físico é proporcionado quando os elementos construídos que compõem o ambiente como bancos, pisos, postes de iluminação, cabine telefônica, possuem boa qualidade e materiais adequados. O conforto

acústico - é a sensação de bem estar proporcionada aos usuários quando a calma e tranquilidade do ambiente não sofrem interferência de fatores externos como ruídos, buzinas, som alto.

- Segurança - física e pública. A segurança física é possível quando os elementos que compõem o ambiente, como árvores, postes de iluminação, cabine telefônica, piso regular e antiderrapante, mobiliários como bancos, parque, equipamentos para atividades físicas, acessibilidade para portadores de necessidades especiais, são adequados e apresentam bom estado de conservação, possuem manutenção frequente e não colocam em risco a integridade física dos usuários contribuindo para a sensação de bem estar.

A segurança pública é feita pela administração pública com presença de policiais, buscando preservar a integridade física do patrimônio público e das pessoas que usam esses espaços. Em áreas bastante degradadas como a praça Dendezeiros em estudo aponta a absoluta ausência de policiamento, o que torna a praça mais insegura.

- Elementos estéticos - quando o conjunto de elementos formado pelo ambiente construído e natural atrai os usuários proporcionando prazer e bem estar, convidando-os a contemplação.
- Elementos físicos – os elementos físicos que compõem o ambiente como piso, bancos, telefones públicos, sanitários, mobiliário, vegetação, paisagismo, iluminação, quando apresentam qualidade, adequação de material, manutenção e limpeza contribuem para a qualidade do ambiente.
- Elementos biológicos – são elementos da natureza como fauna e flora que contribuem para equilibrar o ambiente construído proporcionando satisfação aos usuários.
- Convívio social - um ambiente democrático, seguro, acessível, esteticamente atraente com elementos físicos e biológicos satisfatórios, favorecem o convívio social. Como foi visto na revisão de vários autores, a dificuldade e complexidade de conceituar qualidade ambiental e qualidade de vida traz muitas divergências de análises.

Um exemplo voltado ao tema desta pesquisa pode esclarecer a questão: Se uma praça possui arborização abundante e densa propicia qualidade ambiental para o entorno, pois uma massa verde em um centro urbano traz inúmeros benefícios para a população. No entanto, se a densidade da vegetação provoca a falta de visibilidade e claridade, pode despertar a sensação de insegurança, inibir o uso da praça e, conseqüentemente, deixar de contribuir para a qualidade de vida de parte da população.

#### 4. CONCLUSÕES

Para iniciar o estudo de caso desta pesquisa, as Praças Divina e Dendezeiros – Bairro do Bonfim, foi essencial o embasamento fornecido pela fundamentação teórica, que compreende a revisão de vários autores sobre qualidade ambiental urbana, qualidade de vida, conceitos sobre lazer, identificação da importância, das principais funções e usos das praças públicas, a percepção ambiental, uso e apropriação do espaço, a praça na história, a caracterização da área de estudo e principalmente o ponto de vista do usuário. O embasamento teórico juntamente à aplicação de questionários deu subsídios para observar, por um espaço de tempo, a dinâmica da praça com o usuário que vivencia o ambiente.

Analisar a qualidade ambiental urbana das praças Divina e Dendezeiros através da percepção dos usuários, neste estudo, não foi uma tarefa fácil, devido à grandiosidade, subjetividade e riqueza de elementos que compõem o espaço urbano e as diversidades de informações que surgiram da relação do usuário com a praça. As conclusões aqui apresentadas não são propostas de intervenções visto que se assim fosse feito não seria executado pelo poder público, logo o que se propõe é analisar o que as praças e áreas verdes representam para a comunidade do Bonfim, como a ação-omissão do poder público contribuem na formação de um conceito para o usuário em relação a espaços que são públicos, porém podem promover ou não sua função social.

Observou-se que áreas verdes urbanas estão profundamente enraizadas na história da humanidade, reproduzindo em diferentes escalas uma significação religiosa, espiritual, cultural, ambiental, espaço de convivência mútua para fazer reuniões, espaço para o prazer de viver em coletividade, dentre outros.

Neste estudo observou-se que a escassez de praças e a falta de conservação das que já existem traz muitos prejuízos para a população da cidade, principalmente para as comunidades de bairros densos e conseqüentemente pessoas mais carente que não dispõe de lugares para recreação, lazer e convívio social. No estudo de caso das praças Divina e Dendezeiros, as praças são frequentadas basicamente por pessoas de classe média baixa que buscam lazer nos finais de semana e durante a

semana utilizam as praças pra interagir, praticar atividades físicas, marcar encontros etc, ou seja, a falta destes espaços ou a má conservação destes modificam drasticamente a dinâmica de lazer da comunidade que muitas vezes são limitados em opções de lazer e espaços para convivência coletiva.

A administração pública de Salvador pouco investe na criação de praças, além de não qualificar as existentes, transformando essas áreas tão importantes em espaços de ninguém. O poder público pouco tem feito para requalificar e manter estas áreas, alegando sempre que a manutenção e conservação são onerosas.

O que tem amenizado a má conservação de algumas praças de Salvador é a parceria entre o poder público e a iniciativa privada que promove a adoção desses espaços. Em contrapartida o poder público permite que o nome da empresa parceira seja colocado em publicidade na praça, além de outros benefícios que a empresa adquire normalmente por apresentar algum estabelecimento próximo a praça. Percebeu-se que essas parcerias pouco beneficiam as praças dos bairros periféricos, pois as empresas preferem investir recursos para manter as praças localizadas em bairros com grande visibilidade, onde a publicidade da empresa adotante seja vista por um público consumidor de maior poder aquisitivo.

Diversos fatores contribuem para a perda das funções e o esvaziamento das praças que não passam por constantes manutenções. A falta de investimentos por parte do poder público; a crescente violência nas grandes cidades; o surgimento de shopping centers como alternativa de lazer capitalista, que atraem as pessoas por oferecer segurança e estacionamento que não existem nas praças.

Percebe-se também a criação de simulacros, onde os espaços arborizados de recreação, lazer, convívio social e contato com a natureza que antes eram encontrados nas praças públicas, hoje, são inseridos nos condomínios fechados e colocados à venda para quem pode pagar, com a justificativa de oferecer segurança, lazer e área verde, num mesmo espaço, o que segrega cada vez mais as classes sociais e distancia o poder público da atenção e cobrança em recuperar as áreas verdes públicas.

O poder público precisa urgentemente mudar o posicionamento quanto às políticas implementadas para as praças da cidade, principalmente as dos bairros. Para

elaboração dos projetos de requalificação dessas áreas, a população deve ser ouvida para indicar as necessidades da comunidade, seus costumes culturais, hábitos e atendendo a diversidade de faixa etária. Os projetos devem contemplar arborização, equipamentos resistentes, áreas de convívio social, incentivar a prática de esportes e atividades físicas, proporcionar ao usuário o contato áreas verdes, proporcionar conforto e segurança, dentre outros. Também podem ser feitas junto à comunidade, campanhas de educação ambiental, para que a população conserve e mantenha estes espaços para esta e as próximas gerações.

O contato com os usuários da Praça Divina possibilitou analisar e compreender as motivações que os levam a frequentar o espaço, em que esse espaço contribui para melhorar a qualidade ambiental urbana da cidade e a qualidade de vida destes usuários. As entrevistas realizadas com os usuários permitiram conhecer os frequentadores da praça, saber de que bairro vêm, porque escolhem a praça Divina, com que frequência utilizam a praça, o que fazem quando estão na praça, dentre outras questões que denotam a dinâmica dos usuários com a praça. A relação de proximidade com a praça é muito grande, a maioria, se refere à praça como se fosse à extensão de sua casa.

Em contrapartida, o contato com os usuários da praça Dendezeiros demonstra o grau de insatisfação e desagrado destes em detrimento a ausência de iniciativas que modifiquem o atual cenário da praça, a depredação, subutilização pela comunidade, lugar abandonado que abriga ilicitudes e passa a sensação de medo e problema para a comunidade, o acúmulo de lixo nas calçadas da praça explicitam que esta não tem representação de lazer e sentimento de pertencimento da comunidade, pelo contrário, em geral a praça é vista como um grande problema público que ninguém quer abraçar sobretudo o poder público, cabendo à prefeitura do Salvador atuação urgente nesta e em outras praças da cidade do Salvador que encontram-se relegadas apresentando diversos transtornos para a comunidade.

Considera-se de suma importância o aparelho gestor municipal estar atento à subutilização e apropriação indevida das áreas verdes, tendo em vista que a fiscalização efetiva desses espaços é imprescindível para que a população se aproprie destes conforme as funções sociais que estes espaços podem proporcionar a comunidade. Essa postura, que sugere certa negligência do Estado no trato de tais

questões, torna-se um entrave à boa administração e manutenção das áreas verdes urbanas. A importância de revitalizá-los é essencial, permitindo à população o uso desses espaços, cumprindo a sua função social, e visando, em especial, preservar os remanescentes e áreas verdes da cidade.

## REFERÊNCIAS

- BOVO, Marcos Clair. **Áreas verdes urbanas, imagem e uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá – PR**. Tese (doutorado em geografia). Pós-Graduação em geografia - UNESP (Universidade Paulista), 2009.
- BRASIL. **Código Florestal Brasileiro**. Disponível em: <<<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/103estao103tra-e-orgaos/103estaoflorestal>>> Acesso em: 11/09/2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei n 6766/1979, que dispõe sobre o **Parcelamento do Solo Urbano** e dá outras Providências. Brasília, DF: Senado Federal, 1979.
- BRASIL. Lei nº 10257/2001, que dispõe sobre o **Estatuto das Cidades**. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.
- BUTTIMER, Anna. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLLETI, Antônio. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CAPORUSSO, D.; MATIAS, L. F. **Áreas Verdes Urbanas: Avaliações e Proposta Conceitual**. In: 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo – SIMPGEO-SP. Rio Claro, 2008.
- CARDOSO, Ceila R. C. **A península de Itapagipe e Salvador - história, transformação e envelhecimento**. USP-EESC - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2012.
- CAVALHEIRO, F. & DEL PICCHIA, P.C.D. **Áreas Verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 1, 1992, Vitória.p.29-38,1992.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia** - São Paulo, Editora Ática, 2001.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. 6ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva, 2007.
- CONDER – **Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia**, 2013.
- CUNHA, A. B.; FERRARI A. A.; SARTURI, C. R.; ZURITA, M. L. L.; RODRIGUEZ, M.T. R. **Gestão de Áreas Verdes Públicas Municipais com Função de Lazer na Cidade de Porto Alegre, RS, Brasil**. Instituto de Meio Ambiente – PUCRS. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<[http://www.arquiteturaambiental.pro.br/portfolio/Anelise\\_Anapolski\\_Ferrari-Areas\\_Verdes\\_POA.pdf](http://www.arquiteturaambiental.pro.br/portfolio/Anelise_Anapolski_Ferrari-Areas_Verdes_POA.pdf)>> Acesso em: 12/04/2013.

DE ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades o caso de Maringá – PR.** 2000. 367f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DE ANGELIS, B.L.D. **Praças; história, Usos e Funções.** Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

FERRARA, L. **Olhar Periférico,** EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_, Ver a Cidade: Imagem, Leitura, Nobel. São Paulo. 1988

\_\_\_\_\_, Leitura Sem Palavras, Ática. São Paulo-SP, 1997.

\_\_\_\_\_, Semiótica: A Estratégia dos Signos- Imagem /Espaço/ Ambiente Urbano. São Paulo, Perspectiva, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FMLF. **Fundação Mário Leal Ferreira,** 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, M. A. S. **De Largo a jardim: Praças Públicas no Brasil - Algumas aproximações,** 2004.

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>> Acesso em: 10/08/2013.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** Tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Carvalho; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

**Jornal Bahia já.** Disponível em:

<<<http://www.bahiaja.com.br/noticia/2009/11/29/largo-dos-dendezeiros-abandonado-pela-prefeitura-e-complaca-de-obras,20082,0.html>>> Acesso em: 13/08/2013.

**Jornal Correio da Bahia.** Disponível em:

<<<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/Obras-inacabadas-irritam-os-moradores-da-cidade-baixa/>>> Acesso em: 22/04/2013.

KOHLSDORF, M. **A Apreensão da Forma da Cidade.** Brasília: Ed. UNB, 1979  
\_\_\_\_\_. **Manual de Técnicas de Apreensão do espaço Urbano.** Brasília, Universidade de Brasília, 1980.

LLARDENT, L. R. A. **Zonas verdes y espacios libres en la ciudad.** Madrid: Closas. 1982.

- LOBODA, C. R. **Estudo das áreas verdes urbanas de Guarapuava PR** . 160f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá. Curso de Pós- Graduação em Geografia, Maringá, 2003.
- MARCELLINO, Nelson de Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 4a ed., 1997.
- Mascarenhas, F. (2005). **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas .Campinas, SP: [s.n].
- MATOS, Eloina; QUEIROZ, Luciano P. de. **Árvores para cidades**. Ministério Público do Estado da Bahia. Salvador. Editora Solisluna, 2009.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiroz (1978). **Bahia: A Cidade do Salvador e seu Mercado no Século XIX**. São Paulo: Hucitec.
- MENDES, C. M. e TÖWS, R. L. (Orgs.) **Geografia urbana e temas transversais**. Maringá: EDUEM, 2009.
- MORO, D. Á. A. **As áreas verdes e seu papel na ecologia urbana e no clima urbano**. Separata da Rev. UNIMAR, Maringá/PR, v.1 p. 15-20, 1976.
- MOURA, A. R. **Qualidade ambiental urbana no bairro de Santa Cecília (centro de São Paulo/SP): estudo comparativo e de monitoramento dos anos de 1992 e 2008**. 213f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.
- Munné, F. (1980). **Psicosociologia del tiempo libre: Um enfoque crítico**. México, DF: Trilhas.
- ORTH, Dora Maria; CUNHA, Rita Dione Cunha. **Praças e áreas de lazer como ambiente construído influenciando na qualidade de vida urbana**. In: ENTAC 2000, Salvador, BA. 2000. v. 01, p. 474-475.
- PARK, R. E. **A cidade: sugestão para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.).O fenômeno urbano. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 26 – 57.
- REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968.
- SALVADOR. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano**. 2008.
- SANTOS, M. **Espaço do cidadão**. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1997.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo. Hucitec 2ª edição, 1997.

SANTOS, Milton. **Localização industrial em Salvador**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano 20, n.3, p.334, 454-276, jul./set. 1958.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SEPLAN. **Secretaria de Planejamento do Salvador** , 2013.

SOSTMEYER, Fabíola. **A Importância das Áreas Verdes Urbanas**. s/d. Disponível em: <<<http://www.escolaqualifica.com.br/aimportanciadasareas.php>>> Acesso em: 22/08/2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**. 5ª Edição. Rio de Janeiro; Editora Bertrand Brasil, 2008.

VASCONCELOS, Fabio C. C. de. **A Importância das Áreas Verdes Para a População Urbana**. Revista Multidisciplinar – Faculdade Piauiense(FAP)Episteme, ISSN 2177-3599 V. 3, Nº 3. Parnaíba, 2011.

VIEIRA, P. B. H. **Uma visão geográfica das áreas verdes de Florianópolis, SC: estudo de caso do Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2004.

WILHEIM, Jorge. **O substantivo e o adjetivo**. Ed. Perspectiva, 2ª Ed. São Paulo, SP, 1976.

YURGEL, Marlene. **Urbanismo e lazer**. São Paulo: Nobel, 1983.

## APÊNDICE

Aplicação de questionários com os usuários.

PESQUISA: Áreas verdes urbanas: importância, função, gestão e a percepção dos usuários

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

BACHARELADO EM URBANISMO

MESTRANDA: Paloma Campos da purificação

ORIENTADOR: Prof. Antônio Muniz

## QUESTIONÁRIO

### PARTE 1- PERFIL DO USUÁRIO

Data:     /     /                    Horário:

#### PERFIL DO USUÁRIO

#### VARIÁVEIS

Sexo: M ( ) F ( )                    Idade:

Bairro onde mora:                    Escolaridade:                    Atividade profissional:

Renda mensal:

Até 1 salário mínimo( ); de 1 a 4 salários ( );

de 5 a 8 salários ( ); de 9 a 10 salários ( );

acima de 10 salários ( ).

## **PARTE 2 – ENTREVISTA**

**ETAPA 1- questões de 1 A 11 busca averiguar a qualidade ambiental da praça na percepção dos usuários.**

**Questões de 1 A 6 – como o usuário percebe o bairro do Bonfim e as praças Divina e Dendezeiros, em estudo.**

1- O que o bairro do Bonfim representa para você?

bem estar ( ); Lazer ( ); história ( ); relaxamento ( ); outros ( )

2- O que a Praça Divina lhe proporciona?

bem estar ( ); relaxamento ( ); lazer ( ); insegurança ( ); desconforto ( ); nada ( )

3- O que a praça Dendezeiros lhe proporciona?

bem estar ( ); relaxamento ( ); lazer ( ); insegurança ( ); desconforto ( ); nada ( )

4- O que você sente quando está na Praça Divina?

conforto( ); tranquilidade ( ); Satisfação ( ); insegurança( ); medo ( ); nada ( )

5- O que você sente quando está na Praça Dendezeiro?

conforto( ); tranquilidade ( ); Satisfação ( ); insegurança( ); medo ( ); nada ( )

6- Feche os olhos e diga qual a primeira imagem que lhe vem à cabeça quando você pensa nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

**Questões de 7 A 9- valores atribuídos às praças.**

7- O que você gosta nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente? Por quê?

8- O que você não gosta nas praças Divina e Dendezeiros, respectivamente? Por quê?

9- Qual é o seu lugar preferido nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

**Questões 10 E 11 – elementos valorizados e desvalorizados nas praças.**

10- O que você acrescentaria nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

11- O que você mudaria nas Praças Divina e Dendezeiros, respectivamente?

**ETAPA 2 - Questões 12 A 24 buscam averiguar a contribuição da praça a melhoria da qualidade de vida dos usuários.**

12 - Com que frequência você vem a praça Divina?

diariamente ( ); finais de semana ( ); As vezes ( ); outros ( ).

13 - Com que frequência você vem a praça Dendezeiro?

diariamente ( ); finais de semana ( ); As vezes ( ); outros ( ).

14- O que mais lhe atrai na praça Divina?

o verde ( ); a tranquilidade ( ); o valor histórico ( ); opções de lazer ( ); outros ( ).

15- O que mais lhe atrai na praça Dendezeiro?

o verde ( ); a localização ( ); acesso a outras ruas ( ); não me atrai ( ); outros ( ).

16 - Com qual finalidade você usa a praça Divina?

convívio social ( ); lazer ( ); atividades físicas( ); busca de silencio( ); outros ( ).

17 - Com qual finalidade você usa a praça Dendezeiro?

convívio social ( ); lazer ( ); atividades físicas( ); busca de silencio( ); outros ( ).

18- Como você avalia a segurança da praça Divina?

ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima ( ).

19- Como você avalia a segurança da praça Dendezeiro?

ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima ( ).

20- Qual a qualidade estética da praça Divina?

ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima ( ).

21- Qual a qualidade estética da praça Dendezeiro?

ótima ( ); boa ( ); regular ( ); ruim( ); péssima ( ).

22- A praça Divina contribui em que para sua vida?

saúde ( ); convívio social ( ); lazer ( ); atividades físicas( ); outros ( ).

23- A praça Dendezeiro contribui em que para sua vida?

saúde ( ); convívio social ( ); lazer ( ); atividades físicas( ); outros ( ).

24- As praças em geral contribuem para a vida do homem urbano em quais questões? Por quê?

ambiental ( ); social ( ); lazer ( ); cultural ( ) outros ( ).

Por quê?

**ETAPA 3- Questões 25 a 27 buscam averiguar se as funções das praças em geral contribuem para a qualidade do ambiente**

25- As praças atendem quais funções?

26- Qual a qualidade estética das praças?

ambiental ( ); social ( ); lazer( ); atividades físicas ( ); outros ( ).

27- Você acha que a praça Divina e Dendezeiro agregam todas as classes sociais?

sim ( ); não ( ).

Por quê?

